

2017

PIPOCAS PEDAGÓGICAS IV

Narrativas Outras da Escola

Organizado por:

Guilherme do Val Toledo Prado
Heloísa Helena Dias Martins Proença
Liana Arrais Serodio
Ruy Braz da Silva Filho



2017

PIPOCAS PEDAGÓGICAS IV

Narrativas Outras da Escola

Organizado por:

**Guilherme do Val Toledo Prado
Heloísa Helena Dias Martins Proença**

**Liana Arrais Serodio
Ruy Braz da Silva Filho**



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Guilherme do Val Toledo Prado; Heloísa Helena Dias Martins Proença; Liana Arrais Serodio; Ruy Braz da Silva Filho [Orgs.]

Pipocas pedagógicas IV: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 163p.

ISBN. 978-85-7993-401-8

1. Pipocas pedagógicas. 2. Trabalho docente. 3. Linguagem e ensino. 4. Autores. I. Título.

CDD - 370

Capa: Hélio Márcio Pajeú

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Rogério Drago (UFES/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2017

SUMÁRIO

<i>Pipocas Pedagógicas: uma possibilidade de narrar o vivido na escola</i>	9
Guilherme do Val Toledo Prado	
Heloísa Helena Dias Martins Proença	
Liana Arrais Serodio	
Ruy Braz da Silva Filho	
Tia, índio é gente?	23
Alessandra da Costa Abreu	
Eu, o João e o Lilico	27
Ruttyê Abreu	
Sonhando em grupo nas terças feiras	33
Marcia Regina Poli Bichara	
A Birra de Nati	37
Patrícia Sanches Bodine	
Guerra e Paz	41
Neiva de Souza Boeno	
De olho	45
Ruy Braz	
Sobre a invasão do Brasil	47
Eliana Maria Cantos	
O voo	49
Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz	

Chulezudo	51
Gláucia de Castro Coelho da Costa	
Placa? Não! É a minha mãe!	57
Rúbia Cristina Cruz	
Quem mora embaixo da terra?	59
Caroline Duarte	
A Menina Fran	61
Maria Natalina de Oliveira Farias	
“Não preciso mais deles...”: a importância da língua de sinais para os sujeitos surdos	65
Luciana Andréia Rodrigues Furtado	
Ato(s) de ler	71
Maria Irma Chahine Gallo	
Desculpa, mas não pode me obrigar a ir!	79
Roseane Daminelli Gomes	
Fecha, não fecha	83
Marcos Donizetti Forner Leme	
Guardado?	85
Ana Cristina Libânio	
O primeiro dia	87
Maria Lúcia Lima	
Já sei! Vamos fazer uni-duni-tê!	89
Camila Machado de Lima	

Afinal, era uma máquina de escrever ou uma máquina do tempo?	93
Eliana Lisboa	
Brincadeira, alegria e poesia	95
Rose Mary Magdalena	
Era uma vez... De novo?	101
Ana Maria de Camargo Milani	
Não se preocupe que eu volto amanhã...	103
Dejanira Fontebasso Marquesim	
Eles entendem tudo! É óbvio?	105
Lucianna Magri de Melo Munhoz	
E o lobo soprou	109
Gisélia Oliveira de Sá Neves	
A sala de aula dentro-e-fora	111
Adriana Stella Pierini	
O que me impede de desistir?	115
Heloísa Helena Dias Martins Proença	
Liberdade?	117
Marciene Aparecida Santos Reis	
“Tio, você é de outro país?”	119
Tiago Ribeiro	
A pedagogia do riso	123
Nara Caetano Rodrigues	

Da cor do Batman, da cor da capa do Batman	127
Silvana Ortiz Vieira Ruiz	
Balançando	129
Luciane Salado	
Surpresas do Tempo	131
Idelvandre Vilas Boas S. Santos	
Aprender no encanto com o outro	133
Liana Arrais Serodio	
Mais amor, por favor!	135
Aline Gomes da Silva	
Sobre leitura...	137
Josane Batalha Sobreira da Silva	
Na outra escola eu era especial	139
Vanessa França Simas	
Que CHU tia? Onde você viu CHU aí?	143
Naara Maritza de Sousa	
O que é, o que é?	149
Juliana Terra	
Fora ou dentro?	155
Maria Lucia Garcia Yada	
Conversando... escutando... vivenciando...	157
Valdemir Miotello	

Pipocas Pedagógicas:
uma possibilidade de narrar o vivido na escola

Guilherme do Val Toledo Prado*
Heloísa Helena Dias Martins Proença
Liana Arrais Serodio
Ruy Braz da Silva Filho

É disso que precisamos para podermos “estourar” em reflexões e mostrar que dentro de cada amarelinho que somos, existe um branco em forma e conteúdo, cada um, muito diferente do outro...†

As valorações subentendidas aparecem então não como emoções individuais, senão como atos socialmente necessários e consequentes.‡

*(...) um fragmento infinitesimal do tempo histórico condensado no espaço.**

* Livre-Docente na área de Educação Escolar na UNICAMP. Coordenador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. Coordenador Institucional do PIBID-UNICAMP. E-mail: toledo@unicamp.br

† E-mail de Guilherme Prado para o Grupo de Terça (20-04-2008) em registro de Cunha (2013, p. 24-25).

‡ Volochínov, [1926] 2011, p. 80; 2013, p.158. Valentin N. Volochínov fazia parte do primeiro dos círculos chamados bakhtinianos e algumas de suas obras têm sido atribuídas a Mikhail Bakhtin. Nas **Referências**, assumimos uma dupla autoria, porém no corpo do texto referenciamos Volochínov [1926] seguido do ano em que saíram no Brasil as duas edições deste artigo (2011; 2013). A mesma situação se repete em *Marxismo e filosofia da linguagem* [1929] 1981 e *Freudismo: um esboço crítico* [1927] 2012.

Se você é uma profissional da escola ou um(a) professor(a), ao encontrar-se com um(a) colega nos corredores da escola e conseguir contar para ele/a algo que acaba de acontecer entre você e um(s/as) aluno(s/as) em situação de ensino ou mesmo com outro colega, que lhe deu o desejo de contar, é bem possível que, ao escrever o contado, sairá uma *pipoca*.

E quem lê o que foi contado oralmente antes, possivelmente já se sente tentado a responder com algo que aconteceu consigo em sua própria vida neste lugar.

Narrar por escrito o que foi contado oralmente provoca em quem narrou uma relação outra com o acontecido e contado.

Assim, narrando o acontecimento, expressamos o vivido em outro gênero[†] discursivo e damos à experiência contada uma dimensão expressiva outra, focalizando o que, por algum motivo, nos chamou mais a atenção.

Assim, a narrativa escrita, a *pipoca*, coloca o seu autor em relação com seu leitor – os três elementos na

* Bakhtin ([meados de 1930] 2003, p.253) refere-se à construção poética de Goethe, em *O romance da educação e sua importância na história do realismo*.

† Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Segundo Bakhtin ([1952-1953], 2003, p. 261-2; 2016, p. 11-12), o caráter e as formas desse uso são tão multiformes quanto os campos de atividade, em cada língua, sem que ela perca sua unidade, e se dá em forma de enunciados orais e escritos, de acordo com as finalidades e condições específicas do campo, em conteúdo, estilo e construção composicional próprios. Cada enunciado particular é individual e pertence a algum dos gêneros do discurso, compreendidos como *tipos relativamente estáveis de enunciados*.

interação social e na vida comunicativa (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p.164; 2013, p. 85) –, que alarga os sentidos, nunca determinados ou formados a priori, do vivido no contexto do cotidiano escolar.

E essa dimensão relacional com os leitores, constituída no contexto narrativo, produz o efeito de “pipocar” outras narrativas do cotidiano.

O que temos chamado de *pipocas pedagógicas* são narrativas escritas que, pela sua natureza discursiva, fazem um chamamento ao outro para uma conversa.

Um jeito de narrar que não explica, mas toma do vivido sentidos que, para o autor, podem ser (e muitas vezes são) compreendidos de outro modo na relação que se dá não só com os leitores, mas também com “aquele de quem ou de que se fala (protagonista).” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p.164; 2013 p. 85).

A narrativa também é potente quanto ao *excedente de visão**, tanto do leitor quanto do escritor com seu protagonista, de coisas não vistas ou sentidas propriamente, que surgem além do narrado/lido.

Uma pequena *pipoca pedagógica*, ao ser lida, traz outros sentidos, colocando em diálogo as experiências dos sujeitos que lêem e escrevem. Como medir esse tamanho?

Um ocorrido há pouco lhe dá vontade de contar para a colega que você encontra no pátio da escola, na hora do recreio. A *pipoca* é o escrito desse fato que você

* Temos do outro uma visão que só nós, de nosso lugar, podemos ver e, ao ver damos ao outro, com nosso modo de olhar e com nossas ações o que só nós, de nosso lugar, podemos lhe dar. (BAKHTIN, [1929] 2003; [1920-1924] 2010).

desejou contar. Portanto é curta, pequena, uma simples e ordinária e comum conversa sobre algo que lhe surpreendeu, espantou, intrigou... Curta quanto? Não medimos a extensão das *pipocas* por laudas ou “caracteres com ou sem espaço”, como num artigo científico, mas é curta bastante para nos dar a sensação de que é... pequena.

No entanto, narrar sua experiência a um colega de escola com quem você compartilha a profissão, a sala de aula, o conhecimento comum da área do ensino, os colegas e até os mesmos alunos, não é garantia de que aquilo que você supõe (subentende) ser comum entre vocês e, portanto nem pensa em detalhar ao escrever narrativamente, realmente é. Tantos sentidos são possíveis! Principalmente quando vivemos em *tempos interessantes**.

Por outro lado, se espalham novos esporos com os novos e interessantes ventos enunciativos e podem nos possibilitar o dito “pulo do gato”, sair da área de conforto e vislumbrar os desequilíbrios, tão importantes para aprendermos mais sobre nós mesmos, nossos alunos, o trabalho escolar, as relações cotidianas...

O horizonte comum é diversificado pela comunicação ampla e rápida de nossos tempos

* “Dizem que, na China, quem realmente odeia alguém lança contra ele a seguinte maldição: ‘Que você viva em tempos interessantes!’. Em tempos históricos, os ‘tempos interessantes’ foram períodos de inquietação, guerra e luta pelo poder em que milhões de inocentes sofreram as consequências. Hoje, claramente nos aproximamos de uma nova época de tempos interessantes.” (ZIZEK, 2012, p. 291).

globalizados e outras formas de interação social surgem e pedem interpretação, compreensão, escuta. Passa a ser um novo nó a ser desfeito ou apertado e incluído na trama narrativa.

Assim, os aspectos sociais do cotidiano escolar, sejam explicitados ou não, possibilitam ao narrador, seus leitores e aquele de quem ou aquilo de que se diz se aperceberem em uma esfera de subentendidos ideológicos, que são atos subordinados a regras sociais, como indicado em nossa epígrafe.

Reconhecemos as *pipocas*, não como autopromoção, ainda que também possam dar a ver ações bem sucedidas; não como contos da carochinha, mas, como encantamentos; não como literatura, mas, algumas vezes, parecem sim “arte” para quem lê. Do ponto de vista dos estudos da linguagem, são meios legítimos de interação social; do ponto de vista da formação docente, um instrumento potente de produção de conhecimentos e saberes.

Volochínov ([1926] 2011, p.166; 2013, p.87), no intuito de dizer em que se diferencia uma enunciação cotidiana de uma enunciação (verbal) artística, nos dá outra questão em que pensar. Ele afirma que, nesta última, do ponto de vista prático-objetal, não deve haver – deve tender a não haver – coisas não-ditas; e na primeira (enunciação cotidiana), cada palavra dita se encontra na “dependência estreita de todas as situações do contexto extra-verbal, do todo e imediatamente visível e conhecido como acontece na vida”.

No texto citado, Volochínov ([1926] 2011; 2013) analisa uma palavra/enunciação dita entre duas

pessoas, a respeito da neve que insiste em cair já na entrada da primavera. Ele aponta sucintamente três elementos imprescindíveis para a expressão, produto da interação social, na compreensão de uma única palavra – o advérbio *bem*:

1) um horizonte espacial comum aos falantes (...), 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação e, enfim, 3) a valoração compartilhada igualmente pelos dois, desta situação (VOLOCHÍNOV, ([1926] 2011, p.156; 2013, p. 78).

O que é narrado por escrito, do cotidiano escolar, quando lido por alguém que está inserido neste cotidiano, traz o horizonte espacial comum, o conhecimento e compreensão de parte das situações narradas e valores compartilhados, por concordância, reconhecimento, ou não, discordância, estranhamento...

As *pipocas* se encontram próximas de uma enunciação cotidiana por se originarem de gêneros orais primários (BAKHTIN, [1952-1953] 2003). Ao serem escritas, preenchem outros espaços dialógicos. Dão chance ao autor de colocar seu protagonista (aquele/aquilo de quem/que fala) sob outras perspectivas e de vislumbrar, durante a escrita, outros leitores, seus interlocutores diretos.

Torna-se preciso dizer aquilo que não seria, na narrativa oral, com os ouvintes diante de si, sem, no entanto, dizer *tudo* ou a *todos* os leitores, como é a tendência característica das produções poéticas.

Luciano Ponzio (2003) também nos ajuda a produzir compreensões:

O subentendido do texto não é nada subjetivo. Para ser um subentendido deve ser algo que tem uma existência objetiva, relativamente a um modo comum de ser. Quanto mais amplo é o horizonte objetivo subentendido, mais constantes, menos fugazes, mais gerais e mais típicas são as condições de vida às quais o texto remete. E quanto mais o subentendido remete a realizações, nesse sentido, maior é a duração da vida dialógica do texto, que, mesmo nascido num contexto e época determinados, está em condição de continuar a “dizer”, para além do seu contexto originário e do seu pertencimento a uma determinada época (PONZIO, 2003, p. 119).

Na forma e no conteúdo verbal das *pipocas* os subentendidos ideológicos pertencem ao campo da educação. Regras sociais desse espaço-tempo-contexto as constituem e permeiam as relações entre narradores e leitores.

As *pipocas* são narrativas que contam por escrito um acontecimento pontual, mas que é prenhe de sentidos, de memórias e de outras narrativas, que ampliam o contexto dialógico de pertencimento e expõem tradições, características, tendências educativas de espaços, tempos, planos e políticas diversos, criando condições para continuar a “dizer” para além do contexto originário.

Bakhtin ([1924-1929] 2010) nos ajuda a ver que, ao escrever uma *pipoca*, inserimos o que pensamos do ensino na vivência singular de um narrador implicado, participante com seu ato, no que narra, para quem narra e o que o fez desejar narrar. Um narrador constituído e constituinte dos acontecimentos que

narra, na relação com os outros, que o levaram a uma espiral que se desenrola do presente para o passado, trazendo suas recordações projetadas para um futuro outro, com outras narrativas.

No texto *O Narrador*, ao tratar da modernidade, Walter Benjamin (1994), nos convida a lutar contra o encolhimento temporal, contra a exacerbação do presente, que se volta exclusivamente em procura do sempre igual com roupagem nova (fantasmagorias) e a combater o contentamento da privacidade da experiência individual (*Erlebnis*). Ele apela para (re)inventarmos

outras formas de narração e memória, capazes de sustentar uma relação crítica com a transmissão do passado com o lembrar e com a construção do futuro e o esperar (GAGNEBIN, 2014, p. 221).

Benjamin (2007) apresenta então a mônada, como ideia de todas as ideias:

A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. (...) cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo (p. 69).

Encontramos algumas pistas no pensamento de Benjamin, para tornar esse narrar “formas de narrativa que saberiam rememorar e recolher o passado esparso sem, no entanto, assumir a forma obsoleta da narração mítica universal”.

Denominamos esse narrar como um ato ético, no sentido bakhtiniano, no qual damos uma resposta ao outro que está em nossa frente ou em nossa mente, que é real, com ele convivemos participativamente como professores-narradores.

Tatiana Bubnova (2013) nos ajuda a confrontar a sintomática – e fantasmagórica – valorização do individualismo que a razão moderna e seu “teoricismo” têm levado ao pensamento contemporâneo, como, por exemplo, a pedagogia dos modelos, das cartilhas, imposta pelo mercado.

Nos primeiros tratados, Bakhtin rejeita fortemente aqueles princípios teóricos e filosóficos do pensamento que tendem a um “teoricismo” abstrato e “fatal”; este último adjetivo evoca o beco sem saída, que para Bakhtin conduz a separação entre o ato e seu produto, própria dos sistemas filosóficos que excluem a vivência cotidiana e histórica do homem, do objeto de seu filosofar, separando-a do processo cognitivo. A crise do pensamento contemporâneo, segundo o filósofo russo, é a crise do ato ético (BUBNOVA, 2013, p. 11).

Acreditamos que os dois filósofos, que não se conheceram pessoalmente ou às suas obras, embora contemporâneos, se encontrariam nesse ponto limiar, permeável, onde o ato encarna o abstrato teórico, o conhecimento experiencial do passado e as memórias conscientes, ou não, numa relação participante com o outro.

Na figura do trapeiro, do catador de lixo e sucata, personagem das grandes cidades modernas que recolhe os detritos, cacos e tem o desejo de não deixar nada se perder podemos encontrar alguns indícios do narrador moderno. Um narrador sucateiro que busca recolher os pequenos feitos, aquilo que é deixado à margem, sem significação e sentido, que a historiografia oficial não contempla em suas análises (GAGNEBIN, 2011, p. 62).

Um profissional da educação – uma das categorias mais desvalorizadas pelo atual sistema que se impõe, quase que abertamente, contra o pensamento crítico –, ao realizar um *condensamento* verbal escrito do acontecido, materializa um espaço e um tempo de relações inter-individuais ao fazer, de narrativas orais, *pipocas pedagógicas*, múltiplas partes brancas de um milho amarelo, lapidado pelo narrador.

O que mais marcou o narrador naquele momento traduzido ética-esteticamente pela narrativa escrita – ir direto ao assunto, numa sentada, de uma só vez, sem problematizar, refletir sistematicamente ou dialogar teoricamente com vias de justificar ou argumentar – coloca à mostra o acontecimento que detonou o desejo de narrar em uma existência objetiva, relativamente a um modo comum de ser (VOLOCHÍNOV, ([1926] 2011; 2013). E pode levar os leitores a pensarem que um dia algo semelhante lhes aconteceu, e que eles viram por outro prisma, ou não viram, mas a leitura lhes possibilitou uma rememoração e uma percepção de alteridade, de “eu também”, de “é isso mesmo”, de “comigo aconteceu algo parecido”, ou até “eu nunca faria assim”!

Além disso, passa-se a produzir uma obra, se não artística, com elementos práticos-objetais dirigidos para outros leitores do que seriam os ouvintes de uma narrativa oral.

A partir dessa materialidade contextualizada, em que o narrador está ligado com o que narra e para quem narra, realizando uma resposta à vida que vive e às pessoas com quem convive dentro dos propósitos de sua profissão, algumas *pipocas* nos dão a sensação de estarmos diante de uma produção artística, mantendo a metáfora das *pipocas*, nas múltiplas formas que o milho, ao explodir, expõe de seus brancos.

Entretanto, existem outras maneiras de narrar o cotidiano escolar. Essas maneiras, outras narrativas, podem assumir as mais variadas formas: serem textos longos ou curtos; relatarem não o cotidiano diretamente, mas interpretações dele; podem ser auto-centradas e/ou autobiográficas ou não; podem ser escritos em primeira pessoa ou em terceira pessoa, ou mesmo em segunda pessoa; podem narrar problemáticas ou exemplos bem sucedidos de planejamentos e ações pedagógicas; podem ter um único personagem principal, podendo ser o próprio narrador ou vários... Enfim, existem inúmeras possibilidades de *narrativas pedagógicas* (PRADO; FERREIRA, FERNANDES, 2011; PRADO, 2013, PRADO; FERREIRA; ARAGÃO, 2015).

O que denominamos como *narrativa pedagógica* ou *narrativa do cotidiano*, também presentes neste livro, incorpora a reflexão crítica e/ou autocrítica de maneira a dialogar com uma “teoria”, mesmo que não

explicitamente; reflete com linhas diversas de pensamento; esmiúça e pode até mesmo analisar o contexto dos acontecimentos em relação consigo; ao dar a ver, busca fazer entender seu ponto de vista, e/ou procura problematizar os “subentendidos ideológicos”; quando o autor está envolvido em processos ou contextos de pesquisa, incorpora percursos metodológicos de pesquisa e/ou de práticas pedagógicas. Essas narrativas, porém, são quase impossíveis de realizarem-se oralmente, num encontro com o colega, durante o recreio no pátio da escola.

Este livro, ao apresentar as *pipocas pedagógicas*, e apesar de querer elaborar para elas um conceito – que será radicalizado em nossa próxima edição – traz toda essa diversidade narrativa.

O fato de ser um gênero surgido há poucos anos e num espaço social relativamente restrito, em um grupo de pesquisa que reflete sobre a narrativa como instrumento de formação e produção de conhecimento na escola, dentro de uma faculdade de educação, numa dentre as universidades brasileiras, deixa este conceito numa forma ainda a ser lapidada, aos poucos, na relação deste grupo com a concretude narrativa e com outros sujeitos.

Em outras palavras, a cada ano que produzimos um livro de *pipocas pedagógicas*, vamos nos aproximando de um modo de dizer a respeito do que este gênero nos possibilita expressar. A partir desta produção, este nosso “ato responsável” (BAKHTIN, [1920-1924] 2010) de narrar, busca contribuir com o diálogo sobre as *pipocas pedagógicas*.

Mas, quem sabe, não somos “bons” em didática mesmo... e sim, bons escutadores e praticantes da empatia, abertos à interlocução! Gostamos mais...

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: João & Pedro Editores, [1920-24] 2010.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1952-53] 2003, p. 261-306.

_____. O romance da educação e sua importância na história do realismo. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [meados de 1930] 2003, p.205-268.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1952-53] 2003, p. 11-69.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política*. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG/Imprensa Nacional do Estado de São Paulo, 2007.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. Tradução de Maria Inês Batista Campos e Nathália Rodrighero Salinas Polachini. In: *Conexão Letras*, Volume 8, nº 10, 2013. Acesso em 20-11-2016. Disponível: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55173>

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração*. Ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

PRADO; Guilherme do Val Toledo Prado; FERREIRA, Claudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escritas dos profissionais da educação. *Revista Teias* v. 12, n. 26, p. 143-153, set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas.

PRADO; Guilherme do Val Toledo Prado. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v.4, n.10, p.149-165, 2013.

PRADO; Guilherme do Val Toledo Prado; FERREIRA, Luciana Haddad; ARAGÃO, Ana Maria Falcão de. A formação do professor por suas narrativas: desafios da docência. *Revista Hipótese*, Itapetininga, v. 1, n. 4, p. 204-227, 2015. Acesso em: 20-03-2016. Disponível em: <http://itp.ifsp.edu.br/ojs/index.php/HIP/article/view/165/111>.

PONZIO, Luciano. *Visioni del testo*. Bari: Edizioni B.A. Graphis 2003. 2.ed.

VOLOCHÍNOV; Valentin N. A palavra na vida e na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV; Valentin N. BAKHTIN, Mikhail M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p.145-181.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p.71-130.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

Tia, índio é gente?

Alessandra da Costa Abreu*

Era uma linda manhã ensolarada, na cidade de São Gonçalo, quando minha turma de alfabetização e eu, organizávamos com ansiedade a ida ao teatro municipal em Niterói. A alegria era grande porque não são todos os dias que nós professores e alunos de uma escola pública municipal dispomos da oportunidade de assistir a um espetáculo em um teatro. Distribuí os crachás, fiz a chamada, organizei a fila. A felicidade era tamanha, que as crianças, sempre muito falantes em sala de aula, foram caladas, apreciando o percurso da escola até o teatro pela janela do ônibus. Quando chegamos ao teatro, as crianças estavam tão empolgadas com a novidade que começaram a rir e a falar, fazendo muita algazarra. Mas uma funcionária organizadora do evento, viu a agitação do grupo e pediu que fizéssemos silêncio. Dois alunos mais falantes continuaram a conversar antes de entrarmos no teatro e foram advertidos, mais uma vez pela mesma funcionária. Vi e disse:

* Professora alfabetizadora da Rede Pública de Educação do Município de Niterói. Professora Orientadora Educacional do Município de São Gonçalo. Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação “Processos Formativos e Desigualdades Sociais”, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP_UERJ), membro do Grupo de Pesquisas Alfabetização, Memória e Formação de Professores (ALMEF). alessandra.abreu@oi.com.br

– Olha, a tia já pediu silêncio!.

Sabia que ela precisava que o grupo permanecesse calado, porque eram muitas crianças de várias escolas, pública e privada.

Entramos no teatro e a beleza do espaço calou todas as crianças e assim que começou a apresentação, não precisava mais que nenhum adulto dissesse que era preciso fazer silêncio. As crianças se mostraram atentas e apaixonadas por todas as etapas da Peça: “Peter Pan”.

Terminada a apresentação, saímos encantados com a beleza do evento e com o requinte do local. Estávamos todos muito contentes. A alegria era tamanha que retornamos para a escola cantando e nos divertindo bastante dentro do ônibus. Chegamos à escola, mas ainda faltavam trinta minutos para a saída dos alunos. Colocamos as mochilas nas cadeiras e sentamos no chão da sala para uma conversa rápida sobre o passeio.

Iniciei a roda, perguntando o que as crianças acharam do evento e fui surpreendida com uma dúvida de um aluno

– Tia, Índio é gente?

Fiquei muito espantada com a pergunta, principalmente, porque nada tinha a ver com o contexto. Tínhamos ido ao teatro e o assunto “Peter Pan” (crianças que permaneceram crianças para sempre), nada se referia a índios. Mesmo estranhando a pergunta, respondi:

– Claro que é! Por quê?

– Porque quando descemos do ônibus falando alto e fazendo bagunça, a tia do teatro disse que estávamos parecendo índios.

Eu fiquei muito surpresa com a fala da criança e também tinha ouvido a funcionária que estava organizando a chegada dos alunos, comparar as crianças com índios, mas ouvi e na hora, aquela fala não me afetou. A minha preocupação naquele momento, era que os meus alunos estavam sendo chamados a atenção por outros profissionais. Queria que a minha turma fizesse bonito no passeio. Mas depois, ouvindo a elaboração da criança sobre a experiência vivida, me senti profundamente triste com a interpretação entendida pela criança. Pensei sobre como nós, os adultos, as vezes, somos preconceituosos e não nos damos conta. Acredito que aquela funcionária que nos recebeu, também não percebeu que estava agindo com pré-conceitos com os índios e passando valores preconceituosos para as crianças.

Com base no que aconteceu no passeio, foi preciso que a cultura indígena passasse a ser o tema das nossas aulas. Aquela experiência vivida foi o condutor de um trabalho aprofundado. Juntos (as crianças e eu), aprendemos mais sobre a cultura indígena, pesquisamos sobre o assunto, assistimos vídeos, conhecemos lendas, provamos novos alimentos e curtimos as muitas descobertas. Mas principalmente, refletimos sobre os pré-conceitos que às vezes estabelecemos sobre uma cultura diferente da nossa.

Esta experiência vivida serviu para que eu percebesse que como professora tenho muita

responsabilidade sobre o que digo para os meus alunos. Que bom que as crianças se assustam e questionam sobre o que muitas das vezes apresentamos como verdade! Por isso e por outras tantas outras coisas maravilhosas, cada dia aprendo mais com elas.

Eu, o João e o Lilico

Ruttyê Abreu *

Foi em uma tarde do ano de 2014, em uma escola no bairro laranjal na cidade de São Gonçalo/RJ. Sala mista de educação infantil, com 17 crianças em idade de maternal e Pré 1, foi naquela tarde e em muitas outras, que pude constatar que a criança possui sua própria lógica, seu próprio saber. E que trazem consigo, falas e pensamentos que nos desconstroem, provocando-nos pensar a partir do olhar e das vozes infantis.

De certo, neste relato vou contar algo que provavelmente já tenha ocorrido com você, professora que se vê entre muitas tarefas, obrigada a pensar em algumas saídas ou estratégias que possam lhe socorrer.

Naqueles dias, ao entrarem e se despedirem dos responsáveis, as crianças colocavam suas mochilas no cabide, mas antes retiravam de dentro seu suco para que pudesse ser levado à geladeira que ficava na cozinha situada no lado oposto à sala, atravessando o pátio.

No início das nossas tardes, os funcionários da escola me socorriam dando uma olhada na turminha para que eu pudesse me ausentar elevar os sucos. Minha dificuldade estava no horário da merenda, à

* Pedagoga/professora, integrante do Grupo ALMEF e REDIALE e mestranda em Educação pelo Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais na Faculdade de Formação de Professores FFP/ UERJ. E-mail: ruttye@gmail.com

15:30. Naquele momento, além de buscar os sucos, levar as crianças para lavarem as mãos e auxiliá-los com as mochilas, também ocorria um ou outro evento inesperado como, ter que trocar uma criança que se sujava ou molhava o shorts segurando o xixi, tomando assim, alguns minutos a mais.

Confesso que os primeiros dias foram de uma confusão infinita!

Em minha graduação e nos diversos textos lidos, ninguém havia dito como me preparar para esse momento e tantos outros em que o planejamento aparentemente perfeito, feito em casa, era posto abaixo. Algo precisava ser feito imediatamente.

Era preciso manter os pequenos calmos, na minha ausência, em suas cadeiras conversando e brincando, porém sem jogar a merenda no chão, sem machucar o coleguinha e sem jogar os biscoitos uns nos outros, fazendo as “guerrinhas de comida”. Você consegue imaginar a cena? Pois é.

As professoras logo de início, identificam as mentes brilhantes, os líderes que conseguem arquitetar os planos na turma. (Risos) Qual criança não aproveitaria o momento em que a professora sai para fazer uma bagunça? O problema era o desperdício da merenda e o tempo que eu não tinha, para arrumar e limpar a confusão.

Foi então, que conversando com outra professora, grande amiga, pude a partir de sua experiência construir a minha estratégia. Na semana seguinte, com meu plano elaborado, fui para a escola torcendo para que o resultado fosse positivo.

Chegou o momento da merenda. Levei os pequenos para lavarem as mãos, auxiliando-os com as mochilas e retirando os biscoitos e lanches, em seguida, fui buscar os sucos. Mas antes, deixei na janela um passarinho que comprei em um camelô na feira. O passarinho quando pressionado na barriga emitia um som. Pendurei-o dizendo:

– Ah Lilico! (foi o nome que pensei naquela hora) Hoje eu lhe trouxe para conhecer a minha turminha! São crianças que gosto muito! Mas quando saio, sempre acontece algum probleminha, você poderia me ajudar e ficar aqui na janela “VIGIANDO” para mim?

Interagindo com o brinquedo, eu falava e apertava sua barriga emitindo o som como resposta, transformando assim, o ato em diálogo. Agradei a resposta do passarinho e saí, deixando-o ali, na janela pendurado.

Fui buscar os sucos e voltei contente com o que vi, a turma estava conversando, porém todos me aguardavam sem biscoitos no chão, sem ninguém chorando. Bingo! A solução para os curtos momentos ausentes foi encontrada!

Semanas se passaram até que em uma tarde quase perdi meu engenhoso plano. Fizemos uma atividade que nos tomou mais tempo que o planejado, apressando a mim e aos pequenos a nos organizarmos para a merenda. Fiz então o meu ritual pendurando o Lilico na janela e fui apanhar os sucos, porém esqueci no retorno, de perguntar ao passarinho se todos tinham se comportado.

Acontece que sempre tem uma criança atenta, observando todos os nossos gestos, essa criança que se chamava João disse:

– Ué, tia Rutyê! Você sabe falar com os passarinhos?

– Claro que sei! Respondi já entregando os sucos.

– Sabe nada! Passarinho não fala com gente... você está enganando a gente!

– Não estou não, João! O Lilico veio para ajudar, ele gosta muito de crianças e é meu amigo!

– Uéééé! Mas você não falou com ele quando voltou! Esqueceu né? Não vai perguntar não? Pergunta pra ele o que aconteceu, pergunta!

Que sufoco! Olha que criança danada! Claro que, SE o passarinho falava comigo quando saía, certamente, DEVERIA me contar algo na volta! Como pude esquecer? Encenei meu diálogo, observando atenta se as crianças davam risadinhas, entregando que fizeram alguma peraltice, mesmo que por poucos minutos:

– Lilico diz aí, enquanto fui buscar os sucos, alguém fez alguma bagunça? O passarinho cantava respondendo e eu continuava:

– Ah, entendi! Fizeram né? (lancei um olhar para as crianças) O passarinho cantava.

– Aham! Só o João e mais o fulano que falaram muito? Não aconteceu mais nada? O passarinho cantava.

– Ahh! O João levantou do lugar? Pulou na sala e depois sentou... e voltou pro lugar dele quando me viu chegando? Tá bom! Obrigada Lilico! Como ele não jogou merenda no chão está tudo bem.

Para meu contento em minhas suposições o João se entregava com gestos e um coleguinha ao lado disse-lhe:

– Não disse pra você que o passarinho ia contar?!?

Observei o pequeno que se encolheu na cadeira e me dando um olhar envergonhado, se deu por satisfeito dizendo:

– Nooossaa tia Rutyê! Você sabe mesmo falar com os passarinhos! Olha gente, esse passarinho fala mesmo com a tia!

E todos:

– Óóó!! Éééé mesmo!

Atentas, as crianças observavam o meu diálogo com o Lilico e o ato corajoso do João que na sua arguição, quase descobriu a minha estratégia. Ufa!

Seguiram outras merendas e outras tardes. Alguns dias quando os pequenos estavam agitados, o Lilico era retirado da bolsa e voltava para a janela, claro que eu também me divertia produzindo o diálogo, admirada pela pureza das crianças.

Um dia o Lilico voou para outra escola, foi ajudar outra professora. Eu disse às crianças que ele aparecia sempre quando era necessário. Na verdade, elas se adequaram à rotina, demonstrando compreensão e crescimento nas diversas atividades que fizemos. Eu também cresci em aprendizagem, soube com a professora amiga, que as experiências que temos em sala de aula devem ser compartilhadas, e soube com as crianças e com o João, que criança que é criança, brinca, pensa, interroga e nos desafia a olhar e a escutar com mais cuidado para elas.

Sonhando em grupo nas terças feiras

Marcia Regina Poli Bichara*

A pessoa que se dispõe a trabalhar em uma sala de aula ou em uma escola, só pode ser uma sonhadora. Não há outra explicação. Sonho de ajudar as pessoas. De mudar o mundo para melhor. De transformar a sociedade. De fazer justiça.

Podem ser sonhos próprios da fantasmagoria moderna também: sonho de ser reconhecido na sociedade. Sonho de ter poder sobre os outros. De dominar os conhecimentos. De ter um trabalho intelectual e não, braçal.

Um sonho sempre renovado: a cada ano, a cada turma, a cada aluno uma nova possibilidade. Aquele estudo do meio que deu certo neste ano pode ser repetido na próxima turma. Aquele aluno que reprovou, pode ter sucesso neste ano. Aquela atividade que não pode ser desenvolvida pode ser tentada novamente.

Nós, que nos reunimos aqui às terças feiras, o fazemos em busca de sonhos também. Quem se

* Mestre em Educação pela FE/UNICAMP, SP; doutoranda em Educação pela FE/UNICAMP, SP. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pelo IFCH/UNICAMP, SP. Membro do grupo de estudos GEPEC (FE/UNICAMP) e do Grupo Kairós: memória história e educação das sensibilidades (CMU/UNICAMP). Professora de História aposentada. **E-mail:** marciabichara@hotmail.com

deslocaria de Santos, de Minas Gerais, quem peitaria a direção das escolas, se não fosse muito sonhador?

Fui buscar em um estudo de Olgária Matos como Walter Benjamin entendia os sonhos. Como o trabalho dele poderia nos ajudar a entender por que sonhamos, apesar de tudo.

Vivemos em um mundo criado a partir das ideias cartesianas. Um pensamento criado para controlar a natureza a diminuir os riscos de se viver. Nas escolas é necessário ter certeza daquilo que é estudado. Ter provas ou evidências. O que eu sou ou o que eu sinto, meu eu interior não pode ser levado em conta. Na visão cartesiana de mundo, tudo tem que se enquadrar.

Porém, em seus estudos, Walter Benjamin explode as certezas cartesianas e recupera o sujeito em sua dimensão histórica: "...não existe apenas o eu, mas seu corpo, seus fantasmas, suas feridas, sua memória".

Este ser que tem corpo e sentimentos vive o agora. Mas tem memória. A partir de Freud e de Proust, Benjamin quer modificar a relação com o tempo. Busca no passado o ponto de partida de um sonho não realizado. Ele diz: "É necessário interpretar seus sonhos para depois despertar. Primeiramente, é preciso despertar para o sonho, para depois despertar do sonho. Compreender quais foram as esperanças irrealizadas dessa tradição é tarefa do historiador benjaminiano."

Agora, pensando nos nossos sonhos como educadores: Este professor que sonha, sonha por quê? O que ficou lá atrás sem resolver, sem poder ser alcançado e que deve ser retomado no presente para

que se possa acordar e seguir em frente? Que passado teremos que redimir para que nossos dias de hoje possam ser mais felizes e completos?

Referência

MATOS, Olgária. Desejo de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin. In NOVAES, Aduino (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Artes; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990. Págs. 283-305)

http://www.gewebe.com.br/pdf/os_sonhos.pdf

A Birra de Nati

Patrícia Sanches Bodine*

Nati era uma criança muito ativa, faladeira e adorava passar informações para os colegas.

Naquela manhã, diz que vai até a cozinha para ver o que havia de lanche. Quando voltou disse ao grupo:

– Pessoal, o lanche de hoje é cereal, leite e banana!

Olhou prá mim com uma expressão de descontentamento e falou:

– Patrícia, eu não gosto do lanche de hoje!

– Tudo bem, se você não gosta, não vou obrigá-la a comer!

Naquele momento pareceu que Nati havia ficado satisfeita com minha resposta.

Chegando o horário do lanche, fomos todos para o refeitório e vejo que a criança começou a chorar. Fui até ela para saber o que estava acontecendo.

– O que aconteceu Nati? Por que você está chorando?

– Eu estou com fome!

– Você pode comer o cereal sem leite, tomar só o leite ou comer a banana!

– Mas eu não gosto deste lanche, quero biscoito!

– Não tem biscoito, nosso lanche de hoje é este!

* Especialista em Psicopedagogia pela FE/PUC-Camp/SP; formada em Pedagogia pela FE/PUC-Camp/SP. Professora da Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: cadipa3@gmail.com

Nesta hora ela já estava se mostrando nervosa e com a voz alterada.

– Mas eu quero biscoito! E se jogou no chão.

– Nati, você fazendo isso, vou ficar cansada de ouvir seus gritos e seus colegas também! Não vai adiantar, este é o lanche de hoje!

As crianças tapavam os ouvidos, pediam para que ela parasse e ela gritava cada vez mais alto e batia os pés no chão. Cheguei perto dela.

– Nati, não vai adiantar você ficar gritando, pois o lanche de hoje é este e não pode ser mudado. Você está vendo que seus colegas já estão incomodados?

Por mais que eu argumentasse, nada parecia contentá-la.

Resolveu levantar e sentar ao lado de um colega que foi questionar por que ela estava fazendo aquilo e Nati, não contente com o questionamento, bateu na criança. Neste momento mudei-a de mesa e ela novamente se jogou no chão. Não dei mais atenção à ela.

Depois de alguns minutos, parou de chorar e veio até mim.

– Patrícia, você me arruma um copo?

– Arrumo!

– Você me dá um pouco de leite e um pouco de cereal?

– Dou!

E assim, Nati experimentou o que havia dito que não gostava.

No final da manhã, quando nos reunimos em roda para avaliar o que foi e o que não foi legal naquele dia, Nati levantou a mão e disse:

- Patrícia, eu tenho duas coisas prá falar que foi legal e que não foi legal! Não foi legal a birra que eu fiz na hora do lanche e foi legal que eu experimentei o cereal com leite depois!

As crianças aplaudiram a resposta que ela deu.

Achei esta atitude fantástica, pois ela conseguiu fazer uma autoavaliação, pensou sobre a sua atitude e reconheceu o seu erro.

A partir daquele dia, Nati não fez mais aquele tipo de birra e passou a experimentar os lanches que não gostava.

Guerra e Paz

Neiva de Souza Boeno*

Era início de semestre, a missão oficial que chegara da Secretaria Municipal foi a de guerrear. Isso mesmo: a comunidade escolar tinha que ir à guerra. Em tempos de muita chuva e poucos investimentos na periferia da cidade, o jeito era convocar o pequeno e grande exército mirim de alunos para o combate ao mosquitinho do mal, causador da dengue, chikungunya e zica vírus. Marcou-se o dia, e todos deveriam se apresentar uniformizados: camiseta da escola (afinal, o exército da escola precisa ser reconhecido pela comunidade), com boné para proteção solar, tênis para confortar os pés durante o período de guerra, e uma garrafa de água para a hidratação do corpo durante as quatro horas de missão: combater o mosquito aedes.

No dia marcado para o combate, muitos guerreiros mirins de sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental se apresentaram na quadra da escola com sorriso largo, muitas conversas, brincadeiras, gritos de guerra, uma verdadeira comoção como expressão de liberdade e paz. Liberdade por sair do quadrado conhecido como sala de aula? De poder ser útil, guerreando em prol de uma comunidade, a deles próprios? Alegria por não se

* Doutoranda em Estudos de Linguagem pela PPGEL/UFMT. Mestre em Estudos de Linguagem/UFMT. Professora de Língua Portuguesa na rede estadual (SEDUC-MT) e rede municipal por Cuiabá (SME). E-mail: professoraneivaboeno@hotmail.com

sentirem 'presos' a uma rotina educacional, que diante das altas tecnologias, vem perdendo força e fica desinteressante aos alunos deste século?

Diante da cena e do movimento intenso das crianças pulando, cochichando, correndo de lá pra cá e daqui para ali, fazendo cambalhotas e estrelinhas, tocando uma as outras, em largos movimentos corporais, gestuais e dos adultos, entre professores, técnicos e auxiliares para a organização dos pequenos batalhões até a saída de todos pelas ruas da comunidade, transporte-me, por poucos segundos, à tela de Cândido Portinari, com o título "Paz" (de 1952-1956). O colorido e o movimento daquelas pessoas, pequenas e grandes, a minha frente me trouxeram afiguradamente a sensação de paz, de boa conduta e energia, bem como se percebe naquela tela animada pelos movimentos traçados das pessoas e animais e as cores usadas por Portinari.

Cada passo, cada linguagem de corpo, cada fala proferida foi testemunho e realização do que fora apreendido no diálogo com o coletivo, apropriado pelo diálogo interior de cada um, e agora prestes a ser dialogado em uma ação mais ampla, saindo do quadradinho da sala de aula e, mesmo, saindo cada um de sua casa. O espaço infinito de discursos e diálogos diversos. Todos conectados em uma só sintonia: guerrear contra o aedes.

A energia das vozes altas cedeu lugar ao silêncio geral, aquilo representou o momento de saída para as ruas, na voz da comandante da missão, a coordenadora pedagógica. Ali estava, ali fiquei, olhando os pequenos por não sei quanto tempo, pareciam infinitos os

minutos. Vigiava-os como se vigiava algo sagrado nos tempos da Idade Antiga para que não fosse roubado ou se perdesse.

Era chegada a hora de meus pequenos guerreiros, aquela turma a mim destinada, cumprirem a missão a eles dada. Nos olhinhos de cada um deles, meus pequenos planetas transladando em torno de mim [naquele momento me sentia o “sol”], um brilho especial. Estavam prontos para a guerra, mesmo sem terem a noção nem sentirem o peso dessa palavra. A mim, cabia acompanhá-los. Um deles, estendeu-me a mão em sinal de “*Vamos!*”. E os outros, em seguida, se aproximam. Juntos de mim, lá fomos nós.

De olho

Ruy Braz*

Seu nome é Pedro. É sempre o último a ir embora, pois sua “perua” sempre chega depois do horário no qual o portão deveria fechar. Pedro é menino bom, sem violência no coração – ou pelo menos assim parece –, mas é menino que não consegue ficar parado. Tem seus momentos de ficar sentado, mas sempre numa atividade, ou jogo, ou brincadeira. Dizer pra o Pedro esperar um pouco quietinho, é como dizer poesia ao peixinho do aquário: ele pode até te olhar, mas nada daquilo faz sentido.

Quando quase todas as crianças vão embora, eu começo a arrumar a sala. Hoje não tinha nada no que o Pedro poderia me ajudar... Então disse a ele, como já dissera tantas vezes antes, apontando pro banco que fica em frente à sala, o qual eu posso ver enquanto arrumo as coisas:

– Pedro, senta aí um pouquinho.

Pedro, com sua voz grave e doce, fofa, parecendo a voz de um desenho animado, respondeu:

– Tá bom, Ruy, aí eu fico de olho em você!

* Professor de Educação Infantil na Rede Pública de Campinas. E-mail: ruyotiba@gmail.com

Sobre a invasão do Brasil

Eliana Maria Cantos*

Em tempos sombrios e difíceis, com tudo que vemos acontecer ao nosso redor e que inevitavelmente atravessa nosso cotidiano, temos dificuldade em perceber as coisas boas que acontecem na creche. É claro que não estou me referindo às crianças, pois elas fazem o tempo todo coisas maravilhosas, mas nosso olhar nem sempre está atento para ver, devido a tantas questões.

Chegou a temporada de passeios na creche, animação geral, nem tanto, pois tem adultos que não gostam de sair da rotina!

– Onde vamos passear com as crianças?

– No zoológico é claro!

– Nossa, mas no zoológico não é legal, pois lá os animais ficam presos e tristes!

– Ah, mas as crianças gostam tanto e assim podem conhecer os animais de perto!

E acabam sempre conseguindo ir para o tal do zoológico, convictas de que é o melhor dos passeios. Depois quando voltam, realizam atividades em que pedem para as crianças desenharem os animais que viram, e aí de quem não pintar da cor certa!

* Pedagoga pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; participante do Grupo de Terça, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Monitora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: liacantos@hotmail.com

Eu sempre argumento contra, pois acredito que se a creche leva as crianças para um lugar destes, está legitimando tal prática, a criança passa a ver como algo natural, alguns animais devem mesmo ser capturados e postos em cativeiro para a apreciação dos humanos. Se fosse pelo menos para problematizar aquele espaço com as crianças!

É claro que eu sei que as crianças conhecerão zoológicos em suas vidas, mas não considero que seja o único passeio que a creche possa oferecer. Fico sempre pensando que podemos e devemos oportunizar às crianças algo diferente. A proposta da sala do berçário, da qual faço parte para um piquenique com as crianças e famílias em um parque com muitas árvores, grama e um lago com patos, mas sem animais em jaulas foi muito questionada, pois afinal o que vão ficar fazendo se nem tem bichos lá? Todo mundo olhou com ar de reprovação!

– Se querem ir tudo bem, mas acho que não vai dar certo!

Certo dia encontrei uma professora que quase nunca vejo, pois trabalhamos em horário contrário e ela me perguntou se eu queria ajudá-la no passeio com as crianças, e eu aceitei e perguntei:

– Para onde vamos?

Ela disse que estava trabalhando com a turma sobre a invasão do Brasil e que os invasores chegaram em caravelas, então pensando em uma maneira de dar mais sentido e ilustrar o fato, resolveu levá-las à Lagoa do Taquaral para conhecer a caravela!

O voo

Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz*

Caderno agarrado ao corpo, coração acelerado. Chegar na escola com o período começado não me permite me acomodar, tomar água, guardar a bolsa. Os acontecimentos estão borbulhando e é preciso encher o pulmão de ar. Antes, professora da educação infantil, a inocência me agarrava aos poros. Hoje, orientadora pedagógica, a adolescência clama pela emergência da vida em curso.

É assim quase todos os dias e quando a tarde cai, junto com a noite vem a sede pelo conhecimento que os estudantes da educação de jovens e adultos acreditam ter deixado para trás. A acolhida dos alunos requer uma aproximação real deles. É como se ali naquele olhar que se soma ao *“Boa noite, sejam bem-vindos!”*, eu quisesse lhes contar sobre o prazer que sinto ao vê-los na escola.

Nesse dia, a aula já tinha iniciado. Eu estava na sala da direção me preparando para acompanhar uma das turmas. Marcos bate na porta e pede para entrar. Marcos senta e me diz:

– Ô dona, eu vô para de studia. Eu sô burro!

Enquanto ele falava, meus pensamentos tentavam elaborar o que dizer. E o que dizer? Tinha algo a dizer?

* Mestre em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; Pedagoga pela PUC-CAMPINAS/SP. Orientadora Pedagógica pela Prefeitura Municipal de Campinas. **E-mail:** gbuldrin@gmail.com

Então, pedi que me contasse o motivo de tal decisão. Ele disse:

– Olha, assim, a professora me deu uma folha com um mapa desenhado e pediu pra pintar o estado que eu vim. Estado? Que estado? Eu num sei!

Eu queria continuar ouvindo, mas interferi e lhe perguntei onde ele havia nascido. Marcos respondeu:

– Alagoas.

Seus olhos espantados me indagam:

– Era isso?

E continua desacelerando a voz:

– Então, dona, eu sô burro.

Naquele momento, várias palavras foram ditas a Marcos e a que ficou fora a que nos encontraríamos com a professora para que ele contasse seu sentimento a ela. O encontro chegou e Marcos, visivelmente nervoso começou:

– Então, sempre me disseram que era “BARBULETA” e agora a professora falou pra mim que é “BORBOLETA”.

Cada letra entoada pela palavra me contava de um Marcos. Um Marcos que no encontro entre ele e o conhecimento, me mostrava como seria a potência do voo desenhado pela minha atuação na escola. Marcos me ensinou e hoje posso compreender meu voo.

Chulezudo

Gláucia de Castro Coelho da Costa*

Sou professora da Infância e apaixonada pelo que faço. Trabalho em uma escola no bairro Zé Garoto na cidade de São Gonçalo/RJ. Essa pipoca faz parte dos meus “flashes de memória” do dia a dia de sala de aula na Educação infantil. Esse relato teve origem em meados do ano de 2015, numa turma de Pré-I composta por 06 crianças na faixa etária de 4 anos.

Naquela tarde ensolarada estávamos participando de uma atividade interativa em uma das salas da escola denominada multidisciplinar (sala para atividades lúdicas composta por TV, fantasias, bonecos, fantoches, livros e joguinhos...), brincávamos de interpretar uma peça teatral com as fantasias. Todas as crianças estavam alegres e se divertindo com seus personagens, foi quando uma das crianças correu até mim com uma carinha de desespero e pediu:

– Tia, quero fazer xixi!

– Pode ir ao banheiro. De imediato respondi.

Passados alguns minutos, o pequeno retorna e agora com uma carinha de decepção me diz:

– Tia, não aguentei!

* Professora de Educação Infantil, integrante do Grupo de Pesquisa ALMEF e graduada em Pedagogia – Licenciatura Plena, pela Faculdade de Formação de Professores – Universidade Estadual do Rio de Janeiro FFP/ UERJ. E-mail: glauciac.coelho@gmail.com

Ele estava todo molhado. Retornamos ao banheiro, enquanto a turma ficou com a ajuda de uma auxiliar. No caminho conversamos...

– O que houve? Perguntei.

– Tia, me segurei tanto que quando cheguei ao banheiro não consegui aguentar e me molhei todo!

– Não tem problema! Isso às vezes acontece. Tentei ser solidária.

Trocamos as roupas molhadas, sendo que suas meias e seus sapatos também estavam molhados. E agora? Não tinha outro tênis para trocar! Coloquei o tênis molhado e as meias no sol para tentar secar. E retornarmos a sala.

As crianças sempre muito atentas em tudo, perguntaram:

– O que aconteceu? Por que ele está sem sapatos? Também podemos ficar descalços?

– Sim, podem ficar! Respondi.

– Obaaaaaaa! Foi aquela euforia e logo estavam todos de pés no chão.

Uma ótima solução encontrada para resolver esta questão e deste modo todos compartilharam das brincadeiras em um clima bem descontraído, assim como pudemos fazer o nosso amigo se sentir melhor e acolhido.

Quase já no horário da saída, comecei a falar:

– Vamos colocar os chulés nos pés!

E as crianças achavam graça e riam muito! Se movimentando para procurarem seus sapatos e tentar calçar, alguns sozinhos e outros pedindo ajuda. O sapato do nosso amigo já tinha secado um pouco e

pode calçá-lo também. Bom, dia bacana e tudo acabou bem! Ou seja, pelo menos nesse dia, pois foi a partir deste que tudo começou...

Dia vai e dia vem... E as crianças agora querem ficar sem sapatos, uns dias eu permito e outros não. De acordo com as normas da escola: “devemos utilizar o uniforme completo”, incluindo os sapatos. Comecei a perceber que as crianças tiravam seus sapatos escondidos, embaixo das cadeirinhas que estavam sentadas. E eu pedia para calçá-los! Esse movimento permaneceu recorrente por vários dias. Sempre tinha um amigo sem sapatos na rodinha, nas atividades, no parque... E se tornou constante! O meu simples pedir para calçar já não estava adiantando.

Foi quando tive um estalo momentâneo e chamei bem alto:

– CHULÉZUUUUUDOOOOOOO...

Todas pararam o que faziam e arregalaram os olhos! Espantadas.

– Tia quem é Chulézudo? Perguntaram curiosas.

– Ah Chulézudo é um amigo meu que ADOOORAAAA pegar sapatos perdidos e levar para sua casa. Ele tem uma coleção de sapatos perdidos. Vocês sabem o que ele mais gosta de fazer?

– Não tia! O quê?

– Ah o que ele mais gosta de fazer é passar as tardes se deliciando com o cheirinho de chulé dentro dos sapatos que ele encontra perdido por ai!

– OOOHHHH!

No mesmo instante, os que estavam sem sapatos cataram mais que depressa os seus e colocaram no pé.

Essa estratégia deu certo até o fim daquele ano. Atualmente em 2016, permaneço com a mesma turma que agora estão no Pré-II. Recebemos alguns amiguinhos novos e nossa turminha cresceu um pouquinho, agora estamos em número de 08 crianças. Mas o Chulézudo não ficou esquecido e são as próprias crianças que chamam o Chulézudo quando veem algum amigo sem sapatos.

Eis que algumas dúvidas foram surgindo...

– Tia o Chulézudo existem mesmo? De vez em quando perguntavam.

– Claro que sim! Sempre afirmava.

– Ah tia! O Chulézudo não existe!

– Existe sim! Vocês não sentem?

– O quê?

– O cheirinho dele quando ele está por perto!

– Que cheirinho?

– Ah um cheirinho de chulé bem fedorento! Quando ele está chegando a gente sabe é só sentir seu cheiro no ar e perceber o vento na janela.

E assim, sempre tentava reinventar saídas e novas situações para a existência do Chulézudo. Até perceber que as crianças já estavam crescendo e amadurecendo, fui começando a ser pressionada por elas cada vez mais. Cheias de questões para a existência do mesmo. Quando então, tive que dar realmente vida ao Chulézudo.

Certa tarde, sentados em rodinha, conversávamos vários assuntos e de repente falei pra eles:

– Vocês sabem quem me ligou hoje?

– Não tia! Quem?

– O Chulézudo!

Elas ficaram surpresas...

– Ele quer vir aqui na escola fazer uma visita e quer nos conhecer. O que vocês acham? Ele pode vir?

– Siimm tia!!! Disse a maioria. Mas alguns ficaram meio receosos, com medo.

Então combinamos a visita do Chulézudo e ele apareceu lá na escola. Foi um dia de grande euforia, mas também de “insegurança e medo”. Ele, o Chulézudo, um boneco construído de meia com cheirinho de chulé e com carinha de rato, contou-nos sua história, que em outra oportunidade compartilharei, virou um sucesso e passou a ser o nosso mais novo mascote da turma.

Bom e assim me percebo, nessa troca riquíssima com os pequeninos, esses sujeitos potencialmente “ensinantes”, enriquecendo e aprimorando minha prática a cada dia, a cada nova vivencia e reconhecendo-os como verdadeiros parceiros neste processo de ensino-aprendizagem. Buscando inovar essa prática reinventando-a a partir daquilo que as crianças nos trazem cotidianamente, tento ser criativa, a fim de trazer para as mesmas algo que lhes faça sentido, que lhes dê prazer e tenha significado neste delicado processo de apreensão e produção do saber!



Placa? Não! É a minha mãe!

Rúbia Cristina Cruz*

A diretora chega agitada na sala de aula da professora freinetiana. Surpreende-se com o movimento da sala. Muitos ateliês estão dispostos para que as crianças desenvolvam as suas propostas para aquele dia: massa de modelar, papel, cola, tesouras, tintas, tecidos, jogos, brinquedos de encaixe. O ateliê de pintura é sempre a sensação das aulas. As crianças pintam livremente, usam as tintas que escolhem e enchem a palheta! Têm autonomia para lavar pincéis, trocar as cores, pintar o papel e colocar atrás da porta para secar. Depois, expor para seus amigos de sala. A professora atendia a cada grupo de crianças na diversidade dos projetos daquele dia.

A diretora continua agitada... Fora dar um recado urgente à professora.

Depara-se com Paulinho: olhos amendoados, daqueles que tudo veem; pincel e tintas às mãos e papel gramatura 120 g (papeis mais grossos evitam furos com o pincel molhado...)

Imediatamente a diretora decodifica a produção da criança: um círculo vermelho com uma haste amarela. Reage instintivamente e exclama:

* Mestre e Doutora em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; Pedagoga; Diretora Educacional na Secretaria Municipal de Educação de Campinas, no CEI Tancredo Neves; participante do GEPEC /FE/UNICAMP. E-mail: rubia.cruz@yahoo.com

– Que linda sua placa de trânsito, Paulinho!

Ele se volta à intrusa e imediatamente responde:

– Não... não é uma placa, é a minha mãe.

Os olhos da professora freinetiana sorriem e encontram os olhos da diretora. A diretora, envergonhada, pede desculpas para Paulinho.

– Claro, Paulinho, é que me precipitei... você ainda não terminou o desenho. Faltam os braços e as pernas, é verdade!

Paulinho, achou engraçado tantas desculpas que a diretora pedia. E continuou seu traçado. Pôs pernas, braços, mãos, pés, cabelos, olhos e boca. Mostrou à diretora e à professora que muito elogiaram o seu feito.

Enfim, depois de conseguir dar seu recado à professora, percebeu a lição do dia.

Riram juntas... Parecia que a diretora tinha se esquecido dos princípios básicos da relação com as crianças: primeiro se pergunta o que o outro está fazendo... Não se vai afirmando, e de cara, não se vai intuindo o que o outro desejaria falar/expor/desenhar.

Saí da sala reflexiva: parece que ser diretora passa mesmo por construir uma atitude mais humilde frente à enorme capacidade da gestão da sala de aula em suas complexidades e encantamentos.

Quem mora embaixo da terra?

Caroline Duarte*

A turma de crianças – de quatro e cinco anos – enfrentava a dificuldade de acolher um aluno novo que chegou à escola após as férias de julho.

Frequentemente, Guilherme – o aluno novo – atirava baldes, pazinhas e brinquedos em outras crianças. Algumas vezes, parecia querer chamar atenção, pois ainda não possuía muitos amigos e, outras vezes, fazia isso por ser contrariado na disputa dos materiais.

Em roda, conversamos sobre a situação e o quanto as crianças se incomodavam com esta atitude. Perguntei como resolver este problema e algumas crianças disseram que era necessário resolver os problemas conversando, seja para convidar alguém para brincar junto ou então negociar sobre quem ficaria com determinado brinquedo e por quanto tempo. Fizemos um cartaz em que eu, como professora, escrevi o combinado sobre respeitar as pessoas e acrescentei: *“não jogar brinquedos nos colegas”*, e Giovana desenhou para ilustrar a ideia. Neste cartaz havia outros registros sobre regras de convivência, no qual, conforme a necessidade do grupo, escrevíamos novos combinados.

* Pós-graduada no curso As relações Interpessoais na escola, UNIFRAN, Franca, SP; pedagoga pela UNIP, Campinas, SP. Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Campinas. E-mail: carolineduarte@hotmail.com .

Um dia, no parque, Guilherme pega um balde e joga na cabeça de João. João fica bravo e diz:

– Ai minha cabeça! Isso dói!

Então, Felipe, muito amigo de João, chega bem perto de Guilherme e diz com a voz baixa, demonstrando mistério e segredo:

– Não faz isto! Quem gosta dessas maldades é aquele que vive embaixo da terra!

– Guilherme franze as sobrancelhas e diz:

– Quem mora embaixo da terra?

Felipe diz com os olhos arregalados:

– Aquele que não posso falar o nome... Di...

Então, com expressão de quem acaba de descobrir uma difícil charada, Guilherme responde:

– Já sei! São os mineiros que estão morando embaixo da terra*.

Felipe dá risada sem entender e sai correndo.

* Na época, em 2010, havia ocorrido um acidente no Chile no qual trabalhadores de uma mina de exploração de cobre e ouro foram soterrados e alguns permaneceram embaixo da terra por cerca de setenta dias até serem resgatados.

A Menina Fran

Maria Natalina de Oliveira Farias*

Todos os dias sabemos de histórias dos nossos alunos, seja contada por eles, seja por suas famílias. A coordenação pedagógica por vezes se constitui como um lugar de escuta e acolhimento de histórias vividas; são os extremos do mundo da vida, nos entremeios do mundo da escola.

Conhecemos Fran, em abril, quando encontramos nela a menina e mulher, semialfabetizada, sabendo poucas palavras, poucas sílabas, frases, faladas ou escritas. Num quinto ano do ensino fundamental, as providências seriam realizar encaminhamentos para compensar ou recuperar os conteúdos da escola.

As experiências na função me diziam que para além da escola havia um mundo dentro de Fran, a ser descoberto por nós! Ela sabia!

Um dia no início do período, muito sorridente Fran confidenciou a mim que a “mulher de cabelo curto” poderia salvá-la. Tirá-la dos sofrimentos que há anos vem enfrentando. Denúncia dos vizinhos, por certo! Entendemos que Fran foi com a mãe ao conselho tutelar, e a conselheira aconselhou a mãe da menina a cuidar com cuidado de mãe para filha.

* Mestrado em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; Coordenadora Pedagógica na Prefeitura Municipal de Hortolândia. Membro do GEPEC/FE/ UNICAMP. E-mail: natalinafarias2203@gmail.com

A mãe com medo do ex-namorado da filha avisou que o Conselho Tutelar, caso a menina sofresse mais algum ato de violência, seria preso. Desde então, o medo que já existia se constituiu como real potente e avassalador. Pedia nossa ajuda! Qualquer ajuda!

Num outro dia, bem cedo, recebi a informação que a menina Fran havia recebido uma pancada na cabeça, uma arremessada de uma garrafinha barrigudinha de cerveja feita pelo ex-namorado.

Ela me olhou e nesse encontro do seu olhar buscando o meu, perguntou pra onde eu estava indo! A humanidade de Fran em sua inteireza, dureza, e leveza me tombava, estava diante da humanidade da Fran. Por essa humanidade o meu olhar buscava o dela para assim transmitir que tudo iria ficar bem. “Mas, e com minha mãe ficará Nat?”

Pedi que se sentasse diante de mim, em frente a mesa da coordenação, e contou mais histórias a respeito do que sentia sobre o que vivia. A história que fora jogada no lixo por sua mãe biológica, criada até os 14 anos por outra; uma mãe que insiste em que ela vá morar com seu próprio agressor, maior de idade, porque precisam do dinheiro que fornece para sobrevivência de toda família.

E o seu olhar precisa se encontrar com o meu para dizer-lhe entre outras coisas: “Ajuda-me ir embora daqui, senão eles vão me matar. Quero ir para Pau Vermelho, no Piauí, na casa da minha mãe. Aquela que me jogou no lixo. Aquela mulher de cabelo curto disse que ia me ajudar!”

Fechei a porta da sala para sair, e a menina Fran se viu desesperada quando eu fechei, decerto pensou: “Ela também não vai me ajudar?”

Peguei suas mãos, e a conduzi para que buscassem a mulher de cabelo curto para ajudar a menina Fran.

“Não preciso mais deles...”: a importância da língua de sinais para os sujeitos surdos

Luciana Andréia Rodrigues Furtado*

Era um dia como outro qualquer. A serra coberta por nuvens como toda manhã em um cenário bucólico que acalentava minha longa viagem. Sentada no coletivo a caminho do trabalho, recebi a ligação da diretora que me avisava estar a caminho da Secretaria Municipal de Educação para uma reunião de emergência. Não era comum a sua ausência na entrada dos alunos; ao contrário, este dia em especial era dia de hino nacional e muito a agradava participar junto aos alunos.

Ao chegar à escola, dei entrada dos alunos no Projeto Mais Escola, no qual era Coordenadora, me certifiquei de que todos, após se alimentarem, se encontravam em sala de aula acompanhados dos monitores responsáveis pelas oficinas do dia e me dirigi à secretaria para cumprir mais uma das minhas funções na escola municipal na qual estava lotada, que era uma escola rural, pequena, aconchegante e muito próxima à cachoeira. Era o meu sonho realizado.

Ao fim do recreio, com estranheza, recebi outra ligação da diretora que pedia para que eu a aguardasse, pois a mesma estava findando a reunião e com urgência

* Professora do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Pedagoga Bilíngue e Especialista em Educação de Surdos pelo DESU/INES. lucianaandre@gmail.com

precisava me relatar o ocorrido. Meu coração sentiu que algo sairia da rotina que eu havia estabelecido para aquele ano letivo.

A diretora chegou com cara de poucos amigos. Reunimo-nos e sem delongas ela disparou a informação que caiu como uma bomba.

– Luciana, a SME está solicitando você para assumir uma turma de alunos surdos que está desde o início do ano letivo sem professor. A professora regente desta turma se acidentou.

– Preciso mesmo ir?

– Sim, afinal, lembraram que você prestou concurso para esta rede de ensino como professora.

– Sim... Compreendo... E quando devo me apresentar na nova unidade?

– Amanhã! A diretora da escola ligará para os pais e marcará uma reunião para apresentar você como a nova regente...

Todo meu corpo gelou. Não por retornar à sala de aula, afinal, a afirmativa quanto ao meu concurso era válida, e a profissão foi escolhida com o coração. Então graduanda em Pedagogia Bilíngue pelo INES, havia motivos de sobra para ocupar a vaga.

Na manhã seguinte tudo foi diferente... Não havia mais nuvens na serra e a viagem que antes me permitia uma soneca, não durou mais do que 20 minutos. Ao chegar à escola, fui encaminhada à sala da direção, que me aguardava com uma pasta amarela que possuía o diário e algumas folhas brancas. De forma objetiva me apresentou ao motorista do transporte escolar que os

alunos faziam jus e entramos para a reunião no qual ela não ficou mais do que 5 minutos.

– Bom dia! Esta é a professora que assumirá a turma... Qual é mesmo seu nome?

– Luciana...

– Seja bem-vinda e pode dar seguimento à reunião.

Não sabia o que falar... Não me planejei para falar... Mas, rapidamente saquei meu caderno da faculdade e li um texto motivacional. E disse, na sequência, que gostaria de saber um pouco a respeito dos alunos. Arrependo-me disso até hoje.

Aquela mãe em especial me assustou. Sua fala firme descrevia um monstro e não uma menina. A todo tempo ela me aconselhava para tomar cuidado com os surtos e com as agressões físicas cometidas pela filha e, de forma mais assustadora ainda, me mostrava as marcas vivenciadas destes momentos em seu corpo.

No dia seguinte, ao chegar à escola para aquela primeira manhã de aula, fui recebida por um profissional surdo enviado da Secretaria de Educação. O assistente educacional me apoiaria no ensino de Libras com os alunos. Logo vi o quanto ele seria necessário. A turma era composta de 6 alunos. 4 meninos e 2 meninas. Nenhuma das atividades que planejei para o dia foi realizada. Passei a maior parte da manhã apartando brigas e tentando uma comunicação com os alunos que, quando não compreendidos, respondiam com socos e pontapés. Exceto para aquela linda moça negra de olhos castanhos... “Ela” não respondia com agressividade e sim com curiosidade e muito se irritava, chegando a gritar quando eu não

podia dar continuidade ao que tentava realizar para separar os meninos. O fato contrariava todas as exposições feitas por sua mãe. Foi assim que eu a conheci... Foi assim que nos conhecemos... Eu e “Ela”

Por semanas, meu planejamento não era desenvolvido na íntegra, mas com o passar do tempo fui conseguindo realizar mais atividades, as brigas entre os meninos diminuindo e “Ela”, sempre com seu olhar penetrante, se mantinha em silêncio e em constante observação. Eu e o assistente procurávamos ensinar a língua àqueles alunos, para que então o ensino pudesse ocorrer. E um dia, enquanto eu caminhava pela sala, “Ela” pisou no meu pé e muito me alegrou quando, após o ato, veio o sinal de desculpas, o qual, por vezes, eu achava que trabalhava sem retorno, seguido da expressão facial de arrependimento. “Ela” me via e isso me deu forças para continuar.

O trabalho gradativamente foi crescendo, a língua, tão necessária, foi sendo adquirida e, depois de alguns meses de trabalho, para minha surpresa, naquela manhã, “Ela” chegou acompanhada da mãe que, chorando muito, me pedia para conversar e entender o porquê daquela rebeldia. Questionei acerca da rebeldia e a mãe me dizia que “Ela”, após semanas tomando de forma precária sua medicação controlada, por fim a jogou fora de vez. Seu desespero era visível. Voltei-me para “Ela” e a perguntei o motivo daquela ação, que o fato estava preocupando demais sua mãe. Foi quando o melhor dia da minha vida aconteceu. “Ela” me respondeu:

– Eu não preciso mais deles. Agora eu sei o que dizer e alguém me compreende e compreendo o que você diz. Eu agora não fico mais nervosa e nem quero mais dormir...

Perplexa, contive o choro para acalmar a mãe que, relutante, disse que avaliaria por três dias aquela ação da filha e que se “Ela” voltasse a agredi-la como antes, seria obrigada a voltar com a medicação. Eu interpretava para “Ela” o que a mãe dizia e, de repente, fui interrompida por um abraço. Sim... A filha abraçou a mãe e as duas choraram por alguns minutos. Na sequência, as duas me abraçaram e fiquei sem palavras. Não resisti e chorei! Antecipei o recreio neste dia, não me encontrava em condições de mais nada senão refletir sobre a importância da língua de sinais para o sujeito surdo.

Quadros (1998) relata que a importância da escola para os alunos surdos é muito mais significativa, por ser esta a responsável pelo desenvolvimento da linguagem deste indivíduo, na maioria das vezes, diferentemente de alunos ouvintes que já chegam à escola sujeitos de sua língua. E esse desenvolvimento linguístico vivido pela aluna é explicado por Vygotsky, uma vez que ele é impulsionado pela necessidade de comunicação, de contato com membros de seu grupo. A língua é uma característica eminentemente humana e, ali, “Ela” nasceu. Despontou para o mundo e ainda hoje segue de forma brilhante como membro atuante de sua educação. Educação esta que realmente se fez transformadora. Aprendi muito naquele dia.

Ato(s) de ler

Maria Irma Chahine Gallo*

Uma experiência incrível que vivi, há uns quatro ou cinco anos atrás, foi observar a mudança de comportamento de alunos dos 7º aos 9º anos a cada vez que eu substituía algum(a) professor(a). Claro que a mudança não foi da “água para o vinho”, mas foi visivelmente acentuada.

Meu cargo era de professora substituta em uma escola municipal de uma cidade aqui na RMC. Meu cargo era, mais exatamente, MEB II, o que significava Monitor de Ensino Básico II, podendo substituir professores dos 6º aos 9º anos, em qualquer disciplina. Éramos duas professoras por período, e reclamávamos do “pouco caso” com que algumas professoras veteranas nos tratavam. O ambiente escolar sempre despertou a minha atenção, e mesmo sendo Pós

* Especialista em Ética, Valores e Cidadania na Escola, USP, São Paulo, SP; MBA em Gestão Educacional e Escolar, UNASP, Engenheiro Coelho, SP; especialista em Teoria e Prática de Ensino na Educação Básica, OPET, Curitiba, PR; especialista em Educação Especial e Inclusão Social, UNASP, Engenheiro Coelho, SP; especialista em Psicopedagogia Institucional, UNIABEU, Belfort Roxo, RJ; MBA em Gestão Estratégica de Empresas e Negócios, METROCAMP, Campinas, SP; licenciada em Pedagogia, FE, UNICAMP, Campinas, SP. Membro colaborador dos grupos de estudos GRUPAD e GRUBAKH, subgrupos do GEPEC/ UNICAMP. Professora PEB II - anos iniciais - da SME da Prefeitura Municipal de Campinas-SP. E-mail: mimichahine@gmail.com

Graduada em Psicopedagogia Institucional, um “preconceito enraizado” sentia-se no ar. A mim por ser “professora substituta”, com a outra colega por ser “alienada” e com uma colega de cor, claro, por sua cor.

Chamo a sua atenção, meu leitor, para alguns fatos, não sei se característicos dessa escola ou cidade, que no Fundamental II os alunos já assumiram um certo perfil de adultos, e embora a maioria ainda não trabalhe, denominam-se homem e mulher quando estão se relacionando. O que acontece com frequência na escola, evidentemente. Inclusive vandalismo (incendiaram a casa de uma das professoras) e outras contravenções. Ao ponto de uma das alunas do 7º ano morrer na praça da cidade por abuso de droga. Menina linda, não soube se defender do assédio que a sociedade a ela impôs.

O *stress* era permanente. Na época não tinha como largar as sessões de fisioterapia – doíam minhas articulações, pés, ombros e braços. Era terrível. Não bastasse toda a rebeldia deles, conseguiram me estarrecer ainda mais. Quando, ao entrar na sala para substituir, presenciei alunas “dançando até o chão” e entre suas pernas os meninos deitados no chão. Não quero “dar uma de puritana”, mas fiquei chocada! No mínimo, por duas razões: 1º) eram adolescentes de 12 a 14 anos; 2º) estavam dentro da instituição escolar.

Sobre a classe dos alunos do 6º ano, o que vivemos nos uniu ainda mais. O certo é que sendo uma turma “caloura” no período da manhã, ainda conservavam aquele jeitinho “meigo” do Fundamental I. Colocando assim, espero ter dado pistas para que sua imaginação, meu caro leitor, se aventure em “idealizar” a tensão que

era o período da manhã, em meio ao oásis que o 6º ano me oferecia.

Como professora substituta, e com conhecimento sobre as disciplinas escolares, minha estratégia, inicialmente, foi ser uma professora “particular” – minha proposta era tirar dúvidas dos alunos, fazer exercícios os quais eles tinham mais dificuldade. A minoria gostou da proposta. Porque em cada sala sempre havia um “elemento destoante” que arrebanhava aqueles alunos propensos às brigas e discussões. A vontade deles era “ir para a quadra”, sempre, e para tanto não mediam “esforços”. Pois para as minhas aulas não havia atribuição de notas.

Em um segundo momento, a pedido da diretora, desenvolvi atividades para o exercício da Língua Portuguesa, dado que os alunos apresentavam muita dificuldade em escrever, ler e interpretar. E o terceiro movimento foi a implantação de apostilas desde os 1º anos até os 9º anos, pela SME.

A partir da implantação do sistema apostilado, passou a haver apostilas para Temas Transversais, e no caso eu deveria trabalhar a educação para o trânsito, para o empreendedorismo, crenças religiosas e meio-ambiente. No início os alunos “curtiram o material”, era novidade. Foi “ventilado” que, com as apostilas, as aulas em substituição contariam pontos/notas, já que os alunos deveriam elaborar projetos. Lembro-me bem quando, em meio a questionamentos sobre lazer na cidade, dos exercícios da apostila sobre empreendedorismo, os alunos demonstraram a imensa insatisfação, pois na cidade não havia cinema,

shopping, nada! E isso em 2011/2012. Mais uma vez, os alunos sentiam-se desestimulados. Embora inicialmente empreendedorismo tenha sido um assunto que os “seduziu”, a coisa ficou “quente” mesmo com a apostila sobre crenças religiosas. Teve tanto aluno que reclamou que na escola era proibido estudar religião quanto alunos que socializaram conhecimento sobre algumas religiões que a apostila abordava.

Porém, chegou um momento em que já não mais podiam ver a “cor” da capa da apostila, que já “subiam” pelas paredes. Fiquei nessa escola por 4 anos, e todo ano os temas eram os mesmos. Além disso, o material da apostila trazia muitos elementos do sul do país, inclusive fotos e acontecimentos, e os alunos reagiam a isto.

Meu trabalho, portanto, foi sendo alterado de acordo com as orientações recebidas, até que por fim resolvi seguir minha intuição. Já há tempos havia percebido que alunos que querem desenvolver suas competências são “calados” pelos colegas, que chegam a ridicularizá-los durante as aulas. Nas entrelinhas entendi que esses mesmo alunos que “calam” os colegas, querem ter seu potencial reconhecido pelo grupo.

Então, preparei um projeto de leitura semelhante a uma “contação de história”. Entendi que poderia propiciar a eles momentos de resgate de sua história escolar. Ou seja, momentos escolares em que uma certa “ternura” se fazia presente, em que a relação entre idade, atividade e conhecimento se dava mais no plano lúdico, sem tanta “comparação de desempenho”.

Ao mesmo tempo, portanto, estaria trabalhando a Língua Portuguesa de maneira formativa, pois trabalharia com inferência, contexto, sinalização gráfica/ marcas de pontuação, ou seja, dando "vida às letras".

Meu projeto foi desenvolvido durante momentos de fruição, de leitura deleite. E o ambiente da sala de aula também era objeto do projeto, e requeria uma "certa mudança", a fim de se criar uma atmosfera de fantasia. O material usado foi o livro-texto do Programa Ler e Escrever, da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, que é usado desde os 1º anos naquela rede de ensino, portanto, está na memória desses alunos, que muito se emocionaram quando o viram.



Então, lhes propus (o meu projeto) o cenário (penumbra), uma cadeira iluminada (pela luz de uma

só janela descortinada), e um leitor (empenhado/motivado, quase um interprete). Apresentei-lhes o livro-texto, ao que alguns se maravilharam, pois fora material usado por eles nos anos iniciais. Olhavam com carinho para o livro.

Foi muito prazeroso ver suas reações, especialmente entre os mais velhos, que não se cansavam de tentar provar que já eram adultos, “donos de seus narizes”.

Realmente, eu me senti uma “domadora de leões”. A atividade desenvolvia-se com os alunos preparando a sala, a fim de que a luz tênue vinda da abertura de um vão das cortinas recaísse sobre a cadeira do leitor! E a classe imersa nessa penumbra, aguardava um dos colegas realizar a leitura de um dos contos. Não, não houve beijos, quer roubados ou não. Lassidão, sim; alguns roncaram, é verdade. Mas quero crer que o cansaço vinha do imenso gasto de energia usada para se manterem beligerantes.

Comecei por mim. Demonstrei-lhes a importância das marcas de pontuação na escrita para a leitura, bem como uma entonação em detrimento de outra pode desconfigurar um enunciado, chegando a abalar o contexto.

Quando iniciei o projeto, era eu quem arrumava a sala e lia, sempre dramatizando. A dramatização era uma das propostas de desenvolvimento com o projeto. Acredito que o domínio sobre a linguagem, em suas diversas formas e articulações é um fator decisivo para o desenvolvimento do espírito humano.

O material do programa "Ler e Escrever" é constituído por contos originais, portanto apresentam muita tensão, conflitos, perigos e ameaças, próprios da trágica vida humana - o que pensei "ter muito a ver" com a vida deles. Por isso pensei em "alinhar" os contos infantis dramáticos e suas experiências de vida. Para que disso pudessem fazer algo novo, quem sabe se reinventar?

Particularmente, gostei muito desse trabalho. Percebi como eles se transformaram. Como a prática da leitura os desenvolveu. No início, eles só observavam quem seria o louco que iria se "evidenciar" na leitura, se arriscar mostrando "ao mundo" a própria incompetência. Debochavam, ao que eu os impedia de continuar, o que fortalecia tanto aqueles colegas que se sentiam "desafiados" a ler, quanto os próprios "debochantes", que, paradoxalmente, se sentiam seguros por estar garantido que o deboche era proibido.

Com o tempo, os deboches sumiram, restando apenas "gracinhas", que não chegavam a sensibilizar meus leitores/intérpretes.

Veza ou outra, um "aborrescente" se excedia com algum colega, mas era por outro motivo que não a prática da aula.

Se desinibiram. Se dispuseram a "teatrar", dando voz a mais de um personagem. Então, quando eu aparecia na porta da sala, vinha a pergunta: - *e aí, professora, qual texto vai ser hoje?*

Passei a receber dessas turmas mais desenhos e mensagens de carinho, além daquelas usuais. Mas

comecei a me preocupar, porque a quantidade de textos do livro tinha fim, sim!!!

Para minha sorte, fui chamada para trabalhar na minha cidade... Para a minha?...

Espero ter feito diferença na vida deles.

Desculpa, mas não pode me obrigar a ir!

Roseane Daminelli Gomes*

Num dia desses, como num milagre pedagógico, conseguimos cumprir a rotina da turma dentro do tempo determinado.

Estamos adiantados, o que não é muito comum, pois algumas, senão muitas vezes, ultrapassamos nosso tempo na roda da conversa, há sempre muitas novidades a serem compartilhadas... No meio de tantas novidades, alguém diz:

– Está passando a hora dos ateliês!

Encerramos o tempo da roda e fomos para os ateliês, mas nos envolvemos tanto que passamos da hora, de novo!

Nesse dia, conseguimos fazer tudo no tempo determinado! Fomos ao parque na hora certa, retornamos no horário certo, bebemos água, lavamos as mãos como de costume para irmos ao lanche e ainda tínhamos um tempo antes de irmos para o lanche. Alguém propõe:

– Vamos cantar?

Enquanto cantávamos, observei que uma das crianças que é sempre muito participativa - canta,

* Especialista em Psicologia Escolar e da Aprendizagem PUC/Campinas/SP; Psicóloga PUC/Campinas/SP. Professora Efetiva de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, SP. **Email:** daminelligomes@gmail.com

propõe músicas - não cantou nenhuma música. Percebia que estava conosco na roda, mas alheia a tudo que se passava. Perguntei a ela:

- Durval, algum problema? Você não cantou nenhuma música?

Abaixou a cabeça e começou a chorar. Como de costume algumas crianças foram até ele e perguntaram o que houve, sem sucesso... Uma das crianças disse:

- Se não falar a Roseane não vai saber o que é, e não pode ajudar né? Nem a gente.

Nem assim, Durval manifestou desejo de contar.

Disse às crianças:

- Vamos esperar ele se acalmar e depois se quiser nos conta.

Hora do lanche, todas saíram. Perguntei se queria falar o que houve. Balançou a cabeça negativamente.

- Quer conversar depois na roda final junto com os colegas?

Respondeu, afirmativamente.

Ao retornarmos do lanche, disse à turma que Durval queria contar o que o deixou triste. Todas ficaram em silêncio para ouvir o que deixou o amigo tão triste.

- Eu estava no ateliê de computador sozinho e o Manoel não quis trabalhar comigo.

Manoel responde, prontamente:

- Não pode me obrigar a ir, eu estava querendo muito ir na massinha fazer lanche divertido.

Estava se referindo ao conjunto novo de massa de modelar que eu havia trazido para a turma "treinar" como se faz lanche divertido com olhos, cabelos, boca,

nariz... pois nos próximos dias iriam fazer esta atividade usando hortaliças, grãos, legumes... no pão de forma.

Antes que eu perguntasse às crianças o que achavam sobre Durval obrigar Manoel a ir num ateliê, uma criança disse:

– Não pode obrigar, porque é o Manoel quem escolhe o ateliê que quer ir. Cada um escolhe o ateliê, não é o colega que escolhe.

Durval continua cabisbaixo, parece não se convencer muito e diz olhando pra mim:

– Pra o Manoel me deixar feliz quero que peça desculpas.

– Diga isso olhando pra ele.

Ao que Manoel respondeu, prontamente:

– Não precisa, já entendi... Desculpa, mas não pode me obrigar a ir!

Simples assim!!

Fecha, não fecha

Marcos Donizetti Forner Leme*

Fecha, não fecha, fecha, não fecha, fecha. Afinal não havia número suficiente de alunos que justificasse a permanência de mais um turno de aulas naquela escola. Enquanto outras escolas não tinham um número necessário de professores para atender suas demandas, manter aqueles que ali estavam para atender um número tão pequeno de alunos era um disparate. Além do mais, os professores não haviam cumprido com a promessa de conservar o maior número possível de alunos matriculados naquele período, implementando na escola uma proposta “diferenciada” de trabalho pedagógico (será que o que eles queriam era somente manter o número de aulas suficiente para compor suas jornadas de trabalho?). O número de alunos era tão pequeno que estes poderiam ser distribuídos facilmente nas turmas do período noturno. Mas, essa equação não era tão fácil, assim, de se resolver. A proposta inicial de abertura de mais um turno de aulas na escola justificara-se, justamente, pela necessidade de trazer para o período diurno, um certo número de alunos jovens que não se adequavam muito bem aos padrões

* Mestre em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; licenciado em História e Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras “Plínio Augusto do Amaral”/Amparo/SP. Membro do GEPEC/FE/UNICAMP. Supervisor Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Campinas. E-mail: marcos_leme@yahoo.com.br

do período noturno composto, em sua maioria, por alunos adultos. Eram meninos e meninas que ao completarem 15 anos, haviam sido “expulsos” do ensino fundamental regular aumentando as estatísticas de inserção dessa faixa etária nos cursos de EJA. Um número significativo desses jovens estava cumprindo deliberação judicial de “liberdade assistida” por terem cometido algum delito criminal. Números, números, números... Esses sujeitos não têm nome? “Burra” era o nome que uma menina achava que tinha antes de entrar para aquela escola; agora não mais: “Eu achava que era “burra”, mas depois que entrei nessa escola, estou descobrindo que posso aprender”, disse enfaticamente na reunião que decidiria pelo fechamento das turmas. Na soma dos argumentos, nem sempre dois mais dois é quatro: não fecha!

Guardado?

Ana Cristina Libânio*

Antes do cafezinho com os professores no meio da manhã recebo o recado do secretário: A mãe do Davi chegou, você pode falar com ela? Não me lembrava de qual Davi, mas quando é mãe, pai ou responsável pelo aluno, eu sempre digo sim. É tão difícil trazê-los à escola!! Quando a senhora chegou à minha sala, lembrei-me que a conhecia de outros carnavais.

– Oi, Lourdes! Como vai? Não sabia que você era mãe do Davi.

Eu a conheci há alguns anos quando a mesma era chamada à escola por causa do filho Lucas.

– E o Lucas, Lourdes como está?

– Ele agora está guardado.

– Como assim? Perguntei.

– Ele está preso, Ana Cristina, ao menos agora eu sei onde ele está.

* Mestre em Linguística pela UNIVÁS/ Pouso Alegre/ MG; licenciatura em Pedagogia pela FIUBE/ Uberaba/MG. Orientadora Educacional na rede municipal de ensino de Pouso Alegre, MG. Participa do GRUBAKH, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. . E-mail: kecalibanio@hotmail.com

O primeiro dia

Maria Lúcia Lima*

Primeiro dia de aula! Dia de muita expectativa para as crianças, pais e professores. Nesse dia, nós professores conheceremos os olhinhos daqueles com quem iremos conviver por quase um ano e farão parte de nossas vidas para sempre.

Para maioria das crianças da turma a escola já era um espaço conhecido. Para Rafael, tudo era novidade. Chegou de mãos dadas com sua mãe e, quando fomos apresentados, me olhou com seus olhos de jabuticaba e logo de cara abriu um sorriso. Sua mãe não conseguia esconder a ansiedade de deixar o filho pela primeira vez na escola e foi embora com lágrimas nos olhos. Para muitos pais, este é um momento difícil, daqueles que provocam sensações ambíguas: é muito bom ver o filho vivenciar novas experiências, e ruim porque fica aquela dúvida “será que ele vai ficar bem?”

Duas crianças choraram um pouco após seus pais irem embora. Rafael despediu-se da mãe e entrou na sala calmamente.

Tento planejar este primeiro dia das crianças na escola propondo brincadeiras divertidas, criando uma atmosfera em que se sintam acolhidas e favoreça a integração da turma.

* Pedagoga pelo Centro Universitário Claretiano de Campinas, SP. Professora de educação infantil na Rede Municipal de Campinas. E-mail: marialucialimajoy@gmail.com

Rafael participou de todas as brincadeiras e dinâmicas propostas; fez novos amigos, adorou brincar no “parque do fundo”. Quando chegou a hora de ir embora, começou a chorar. Pensei cá com meus botões: “puxa, parecia que ele estava tão bem, tão feliz, tão adaptado logo no primeiro dia, e... acho que me enganei”. Tentei consolá-lo dizendo que já estava próximo da hora de ir embora, que seus pais já deviam estar chegando. Daí ele começou a chorar de soluçar e me disse:

– Eu não quero ir embora da escola!

Abraçamo-nos. Ele foi embora chorando e me fez chorar também.

Foi um primeiro dia de aula inesquecível... para nós dois.

Já sei! Vamos fazer uni-duni-tê!

Camila Machado de Lima*

Era uma quinta-feira pela manhã, primeiro semestre do ano de 2014. Eu era professora de uma turma de Educação Infantil, grupamento de 4 anos de idade, do Colégio Pedro II. As crianças estavam entusiasmadas, pois todas as quintas escolhiam um livro de histórias para levar para casa, ler com sua família e compartilhar suas leituras com os colegas na semana seguinte. O nome do projeto é Ciranda Literária.

É chegado o momento da escolha dos livros, o acervo disponível é encantador.

Geralmente fazíamos sorteio com os nomes das crianças para que uma de cada vez fizesse a escolha de sua preferência. Entretanto, antes de começarmos o sorteio, duas crianças desejam levar o mesmo livro. A cena era a seguinte: cada uma de um lado puxando o livro, gritando eu peguei primeiro, não, eu peguei primeiro.

Confesso que o primeiro pensamento que tive foi: pegar o livro das mãos delas e dizer que, por conta da

* Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO, vinculada ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF). Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad). Professora de Educação Infantil no Colégio Pedro II. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO. **E-mail:** camila.cmlima@hotmail.com

discussão, ninguém o levaria pra casa. Pronto! Contudo, pensar nessa postura me causou incômodo. E eu não conseguia pensar outra coisa naquele momento. Eis que o livro já estava quase rasgado ao meio, até que decidi pedir ajuda à turma para resolvermos esta situação. E foi um pedido de ajuda mesmo, pois eu não sabia que solução poderia surgir a partir de então...

– Pessoal, temos um problema aqui para resolver. Geovanna e Davi querem levar o mesmo livro pra casa. E agora?

Perguntei.

– Vamos pra roda!

Uma criança respondeu.

A realização de rodas de conversa era uma prática no nosso grupo para compartilhar opiniões, ideias, fazer combinados, conversar... E, inclusive, resolvermos juntos alguma questão. Neste momento não era eu, Camila, que estava no controle da situação, tampouco poderia antecipar o que aconteceria quando me dispus a escutar como as crianças poderiam ajudar.

Chamamos todos e fizemos a roda, sentamos-nos no chão e as crianças começaram a conversa:

– Eu acho que o livro tem que ficar com a Geovanna.

Disse Maria Eduarda.

– Por que com a Geovanna e não com o Davi?

Perguntei.

– Porque a Geovanna é minha amiga

Ela respondeu.

– Eu acho que o Davi que tem que levar o livro.

Disse Italo.

– Por que o Davi e não a Geovanna?

Perguntei.

– Porque o Davi é meu amigo

Ele respondeu.

E o assunto ficou assim, no quesito amizade. O que é válido, mas conversei com as crianças que isso não era justo porque como eu ia escolher se os dois são meus amigos e como outras crianças poderiam escolher se também são amigos dos dois. Pairou um silêncio no ar...

Jéssica levanta a mão e diz com toda a certeza:

– Já, sei! Vamos fazer uni-duni-tê!

Que ideia brilhante! Todas as crianças concordaram e eu fiquei admirada com a proposta levantada por Jéssica. Eu me perguntava: Por que não pensei nisso antes? Seria eu capaz de pensar nesse gesto sem a ajuda das crianças? Não pensei porque uma postura adultocêntrica ainda me habita, contudo no exercício constante de escutar o que as crianças narram, venho me constituindo professora da infância. E como Bernardina Leal (2004, p.22) nos fala, talvez tenha chegado o momento de aprendermos com as crianças o que a infância tem a nos dizer. Talvez a infância, assim como a poesia, não precise ser analisada, mas sentida.

E Jéssica cantou:

– Uni-duni-tê, salamê mingué, o sorvete colorido escolhido foi você!

O sorvete colorido escolhido foi Davi. Geovanna concordou com a decisão e pediu para levar o livro na próxima semana. Registrei o pedido dela no meu

caderno e assim fizemos. Agora sim, a situação foi resolvida com e pelas crianças!

Concordo com Skliar (2014), alteridade, estranheza e perplexidade são algumas marcas de relação com as crianças. Aprendi com Jéssica e com as outras crianças a reviver a minha infância quando brincava de uni-duni-tê. Resolver, combinar e escolher desde a perspectiva infantil. Desafiei-me em compreender o que poderia acontecer quando percebi que eu não seria capaz de resolver, sozinha, uma situação de conflito entre duas crianças. Na verdade, como eu disse, sozinha eu adotaria uma postura autoritária, na qual somente eu, enquanto adulta, poderia solucionar e sem reconhecer os saberes infantis acerca de como resolver nossos problemas.

Esse acontecimento ainda ecoa em mim, estou aprendendo o quanto as crianças nos ensinam a cada dia e que é essencial nos abirmos às suas narrativas. A potência desse encontro/experiência me possibilita repensar minha prática docente e a mergulhar nas possibilidades apresentadas pelas crianças, dialogar com suas lógicas e jeitos de compreender o mundo.

Referências

- LEAL, Bernardina. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In: KOHAN, Walter (Org.) *Lugares da infância: Filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: Educar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Afinal, era uma máquina de escrever ou uma máquina do tempo?

Eliana Lisboa*

Ontem li “O livro dos sons”*, para um grupo de crianças.

Depois da leitura, em que elas interagiam bastante imitando cada som que eu mencionava, mostrei uma caixa (coberta com um pano macio azul).

Dentro da caixa havia alguns objetos. Esses objetos produziam sons, as crianças tinham que descobrir do que se tratava. Um deles era a máquina de escrever.

Somente uma criança conseguiu identificar:

– É uma máquina de escrever! Tenho uma na minha casa!

As hipóteses das outras, eram bem variadas. As ideias que mais se aproximaram foram: calculadora e caixa de supermercado.

Após o jogo de adivinhação, fomos para a área externa mexer na máquina. Sobre o tapete de retalho expliquei para as crianças que não tinha problema em errar (porque elas ficavam muito perturbadas por não ter um jeito de corrigir) e que a tinta estava fraca porque eu nem sabia aonde comprar. Nesse momento um menino disse:

* Mestre em Educação pela PUC-Campinas, professora da Fundação Bradesco-Campinas. E-mail: lia_mlisboa@yahoo.com.br

* Liana Leão com desenhos de Guilherme Z, da Editora Cortez

– Minha vó mora em uma cidade BEM antiga, lá deve ter!

Adorei! Entrei em uma máquina do tempo, induzida por ele. Fui até lá e comprei um rolo de tinta especial, que eu nunca tinha visto: ao invés de preto e vermelho, era um degradê laranja com amarelo...

As palavras agora ficam lindas quando escritas nessa máquina.

Brincadeira, alegria e poesia

Rose Mary Magdalena*

As brincadeiras fazem parte da nossa rotina na sala de aula. Brincamos de tudo um pouco, adivinhas, forca, detetive, jogo da velha, adedonha, trava línguas, cantamos cantigas de rodas, contamos piadas, tudo com palmas, risos e repleto de alegria. Turminha do barulho!!!

Não posso deixar de mencionar o encantamento produzido pela contação de histórias que acontece quase diariamente em nossa sala de aula. É uma dinâmica que fascina as crianças e a mim. Confesso que me divirto muito com tudo. O contato com os pequenos denota uma espécie de terapia que revigora as minhas forças. Que energia boa, mas também como cansa!

Nesse relato me ateei em compartilhar os ricos sentidos percebidos na sala de aula como professora da turma do primeiro ano, alfabetização, com a poesia e a brincadeira com as palavras misturando e falando de tudo que a gente gosta.

Percebi que o som e o ritmo das palavras nas poesias agradam e divertem a criançada. Dessa

* Professora da Escola Municipal Doutor Armando Leão Ferreira. Professora Orientadora Pedagógica da rede Municipal de São Gonçalo. Integrante do Grupo de Pesquisas Alfabetização, Memória e Formação de Professores (ALMEF) e do grupo Rede de docentes que estudam e narram sobre alfabetização, leitura e escrita. (REDEALE). E-mail: triz.magdallena@yahoo.com.br

maneira, selecionei algumas poesias de Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, entre outros e outras. Nesta hora entramos no mundo de fantasias. Mas, como todo mundo tem suas preferências, a galera gostou mais de Vinicius de Moraes. E, não é que ficaram íntimos...

Gostaram desde o primeiro dia quando apresentei a poesia “A casa”. Desde então, uma vez ou outra, tem alguém cantarolando a poesia musicada na sala. Apaixonaram-se! “A porta” abriu passagem direta para o poetinha, como era conhecido Vinícius, no coração deles. O pato vem pata aqui também. Eles agora estão sempre a procurar o autor de todos os textos ou poesias que aparecem em sala. Quando eu coloco a pauta no nosso quadro e leio como eles, hoje tem poesia. Sabe qual é a pergunta?!

– Tia, é do Vinicius?

Assim atendendo aos pedidos, as crianças foram conhecendo vários textos do poeta. E começou a curiosidade e as perguntas sobre o autor.

– Tia, você conhece ele?

– Como ele é?

-- Quantos anos ele tem?

Esse grupo em que a poesia está germinando no coração é composto por 20 crianças de idades entre 6 e 7 anos, que estudam na Escola Municipal Doutor Armando Leão Ferreira. A escola atende ao primeiro segmento do Ensino Fundamental. As crianças daqui são tão espertas que encontraram um nome mais fácil para a escola, e a chamam carinhosamente de Armandinho.

O Armandinho fica na comunidade Conjunto Democrático mais conhecido como Pombal, no Porto novo em São Gonçalo, bem pertinho da minha casa.

Retomando a história com Vinicius, era tanta curiosidade que prometi e pesquisei a biografia do poeta querido. No dia da exposição da vida da ilustre celebridade, Allan foi estragando a surpresa:

– O Vinicius, eu vi na internet, é um velho. Eu li poesia dele no computador. Lá em casa, tia.

Sutilmente, mostrando a foto que tinha uma espécie de caricatura junto com o texto, falei que Vinicius era um senhor.

E o mesmo menino insistiu:

– Mas tava bem velho com pouco cabelo e tava tudo branco!

Achei engraçado, mas imediatamente perguntei se isso fazia diferença para eles. Falaram que não, confirmando o que eu já sabia. Fui lendo a biografia de Vinicius de Moraes com eles, que trazia detalhes da sua versátil atuação ligada às artes, seus parceiros, dentre outras coisas. Interessados em saber a sua idade, fizemos a conta e verificamos que se ele fosse vivo, hoje teria 83 anos. De repente, Marcelle pergunta:

– Tia, que copo é esse na mão dele?

Gente! As crianças sempre me surpreendem! Marcelle percebeu um detalhe que tinha passado despercebido por mim. Na imagem Vinicius segura um copo pequeno em uma de suas mãos e, na outra, um violão.

Então disse que nas reportagens que vi sobre ele, o poeta era retratado como um boêmio que gostava da

vida noturna e tinha o costume de beber cerveja. Aí foi aquela festa: todo mundo tinha uma pessoa na família que gostava de cerveja, mãe, pai e até os avós. Todo mundo queria falar e foi quando veio a pergunta diretamente para mim:

– Tia, você gosta de beber cerveja também?

E, neste clima vão acontecendo nossos encontros, nesta medida em que também vai se dando o nosso aprendizado, em nosso cotidiano escolar com as suas dificuldades e desafios, pois quem está na sala de aula, sabe que é duro. Se não vigiar a gente vira pedra, mas eu digo que escolhi ser flor, mesmo que muitas vezes me espetando nos meus próprios espinhos.

E as perguntas fluíram muitas delas, eles mesmos respondiam.

– Tia, ele morreu de que?

Em nosso texto não tinha essa informação e nem eu sabia. Fiquei de pesquisar. Teve crianças lamentando a morte dele.

– Que pena! Ele morreu né, tia? Se não, podia convidar ele para vir aqui na escola.

– Ele tá lá no céu!

Falou Marcele e acrescentou:

– Minha mãe disse que quando a gente morre vira uma estrelinha lá no céu.

– O Vinicius virou estrelinha, tia?

– Tia, cachorro quando morre vai para o céu também?

Antes mesmo que eu pudesse responder:

– Vai sim porque foi Deus que fez os animais. Ele gosta de cachorro. Vai para o céu sim!

- Quando eu morrer, eu vou encontrar o meu cachorro lá.

- Quem sabe encontramos Vinicius de Moraes...

Mas enquanto estamos vivos, penso que essa aproximação com a poesia desde pequenininho talvez possibilite apurar ainda mais a sensibilidade dos meus queridos alunos e ajudar a ler a vida enxergando a poesia, porque ela pode estar por todo lado.

E quem sabe o convívio com a poesia também provoque e ajude a manifestar muitos Vinicius, outras Cecílias, ou distintos poetas e poetisas...

Era uma vez... De novo?

Ana Maria de Camargo Milani*

Meu trabalho é com os pequenos. O grupo é formado por crianças com idades que variam entre dois anos e quatro meses e três anos e onze meses. Considerando a diferença entre as idades e respeitando as especificidades das mesmas, assumi a responsabilidade de desenvolver um projeto com e a partir de histórias, com o intuito de que as crianças fossem aguçadas a despertar seus sentidos através da fantasia.

Desde o início do ano leio histórias para as crianças e procuro garantir que sejam lidas diariamente. Histórias essas ora escolhidas pelas crianças, ora por mim. Venho me utilizando de diferentes estratégias buscando a atenção e o envolvimento da maioria, o que foi e ainda está sendo um desafio!

Em um determinado momento da manhã, reúno o grupo cantando: “Atenção! (três palmas) Concentração! (três palmas) Ritmo. (três palmas) Vai começar! (três palmas) A história, (três palmas) que eu vou contar. (três palmas) Um, dois, três e já! Era uma vez...”.

* Pós-graduada em nível de especialização em Psicopedagogia pela UNISAL/Campinas/SP; graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Amparo/Amparo/SP. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas. E-mail: ana.cmilani22@gmail.com

Algumas crianças me acompanham cantando e batendo palmas, outras apenas me acompanham cantando, outras apenas batendo as palmas e outras parecem já estar viajando no mundo da fantasia.

Como já é sabido por quem lida com os pequenos, eles gostam de ouvir uma mesma música, uma mesma história mais de uma vez e seguidamente. Então, frequentemente, ao final da primeira vez da história, uma parte do grupo diz: “De novo!”. Eu, como não consigo deixar de fazer perguntas, pergunto: “Mas de novo?”. E a resposta é sempre positiva, ou melhor, era até um determinado dia.

Com a emoção à flor da pele, por ver o sorriso no rosto dos que disseram: *De novo!*, digo que vou contar a história outra vez e os que se mostraram interessados gostam do que ouvem.

Certo dia, nem mesmo sei o porquê, ou melhor, sei bem o porquê, não esperei que as crianças se manifestassem a favor da ideia de eu recontar a história e, mal havia terminado a tal primeira vez, fui me preparando para reiniciá-la. Ao abrir a primeira página do livro e iniciar a leitura das primeiras palavras, uma criança um tanto quanto tímida e introspectiva, foi logo dizendo com tamanha entonação: *De novo*. Caí na risada e ela também. Ao final, respondi: *Sim! De novo!*

Não se preocupe que eu volto amanhã...

Dejanira Fontebasso Marquesim*

Primeira semana de aula, frio na barriga com a nova turma. Primeiro ano sempre tem criança que chora e estranha a escola de Ensino Fundamental. Pensando nisso preparei uma rotina de trabalho bem estimulante, tenho muita dificuldade pra lidar com o choro das crianças.

Todo dia brincadeiras, histórias e muita conversa para envolver os pequenos, e como num livro, deixava algo pra se resolver no capítulo seguinte, no dia seguinte, assim garantia que eles tivessem vontade de voltar.

Ao final de cada dia fila de beijo pra se despedir e alegria com que saiam da escola me deixava feliz, as coisas iam bem. Ao me despedir buscava mostrar como cada um foi importante naquele dia fazendo um elogio sobre algo que transcorreria no dia e envolvia aquela criança.

Mesmo com todo o trabalho feito, Alisson estava conhecendo a escola pela primeira vez, não frequentou a educação infantil e vivia sempre junto da mãe. Todo

* Mestre em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; bacharel em Pedagogia FE/UNICAMP/SP. Membro do Grupo de Terça, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Supervisora Educacional na Rede da Prefeitura Municipal de Campinas. **E-mail:** dejaniraf@gmail.com

dia chorava pedindo pela mãe e querendo saber que horas ela chagava para pegá-lo.

No final da aula, no beijo de despedida sempre dizia a ele:

– Alisson volta amanhã, você foi muito importante no grupo hoje. Por favor, volta amanhã não vai nos deixar.

Ele dava um tímido sorriso entre os soluços de alegria ao rever a mãe e saía. No dia seguinte começávamos novamente, choro e pedidos pela mãe. Pensei esse menino não vai parar nunca não mais o que fazer... Estimulava que os colegas brincassem com ele, dava atenção mais que especial e chamava atenção para suas qualidades, mas o choro continuava...

Eis que chega a sexta-feira, ufa até que enfim o final de semana e a tal da primeira semana chegava ao final. Na saída como de costume fila de beijo de despedida da Prô e vejo um par de olhos brilhantes me olhando com entusiasmo. Alisson corre, me abraça e diz:

– Não se preocupe que eu volto amanhã!!!

Eles entendem tudo! É óbvio?

Lucianna Magri de Melo Munhoz*

Há poucos meses assumi uma turma de berçário com 28 bebês com idade que vão de 8 meses a 2 anos. O desafio com o essa faixa etária é muito grande, pois apesar de não falarem, eles se comunicam o tempo todo. Preciso estar atenta aos gestos, choros, risos, movimentos, abraços, mordidas, resistências, carinhos e tudo mais que eles expressarem.

Sendo assim, tenho insistido com a equipe de monitores com a qual trabalho com algo que aprendi com os livros e com a vida: os bebês, por menores que sejam, entendem tudo que falamos a eles e sobre eles.

Foi por meio das leituras das obras da psicanalista francesa Françoise Dolto, da experiência de ser professora há 18 anos e de ser mãe de duas crianças, que tenho a convicção de que não é porque as crianças pequenas ainda não falam que elas não nos entendem.

Dolto dizia que para que a comunicação entre bebês e adultos ocorresse de verdade seria necessário que:

* Doutoranda em Educação na FE/UNICAMP/Campinas/SP; pedagoga pela FE/UNICAMP/Campinas/SP. Membro do GEPEC/FE/ UNICAMP. Professora de Educação Infantil na rede municipal de Campinas. Professora dos cursos de pós-graduação em Educação Infantil e Psicopedagogia da Unisal/ Campinas/SP. Formadora docente na abordagem da Pedagogia Freinet. **E-mail:** luciannamagri@hotmail.com

[...] Para que este código se instale num ser humano, é preciso que um ser do mundo exterior, desejando a comunicação com esta criança, venha a ela e dê sentido às mímicas que revelam seu desejo de se comunicar intersubjeticamente, traduzindo suas emoções em palavras” (Dolto, 1988, pg. 135)

E assim venho buscando ser uma leitora de bebês, repetindo em minha mente como um mantra, “eles entendem tudo!” Tenho me policiado todos os dias e insistido com a equipe para que reflitam sobre a forma como se dirigem as crianças e, principalmente, sobre o que falam delas e de suas famílias. E de tanto persistir, em poucos meses estamos visto várias situações que tem nos ajudado a entender os bebês.

Entre elas gostaria de relatar uma em especial: L. é uma criança de um ano que se mostrava feliz e brincalhona com as outras crianças, mas de uma hora pra outra, L. começou a morder e beliscar a todos. Ficamos sem entender o que estava acontecendo. Foi então que uma monitora que trabalha no período oposto ao meu, nos informou que havia conversado com a mãe deste bebê e que a mãe, aos prantos, contou que estava se separando do marido. Antes que eu falasse qualquer coisa, a monitora matou a charada, disse que o problema estava no fato da mãe não ter conversado com L. sobre o difícil momento que estavam passando, a angústia da criança era pelo não dito, no mesmo momento, a monitora completou dizendo que iria orientar a mãe a ter uma conversa sincera com L., explicar a decisão do casal e como viveriam dali pra frente. A monitora conversou com a

mãe, que explicou a criança, que ao seu modo compreendeu e voltou a brincar.

Nem sempre conseguimos ler os sinais dados pelos bebês, isso leva tempo, requer abertura, sensibilidade. Muitas vezes passam despercebidos.

Escolhi este caso porque trata do óbvio, mas de um óbvio que ninguém vê.

Não seria óbvio comunicar os envolvidos numa situação de separação?

Não seria óbvio considerar L. como uma pessoa que também merecia saber o que estava acontecendo?

Parece que ainda não...

Referência

DOLTO, Françoise. *Dificuldade de viver*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

E o lobo soprou

Gisélia Oliveira de Sá Neves*

Sou uma professora de alma sonhadora. Todos os dias, eu me preocupo em contar uma história que faça meus alunos viajarem junto comigo para o mundo da imaginação.

Uma dúvida, porém, pairava no ar, e uma ruga de preocupação surgia ao olhar para aquelas criaturinhas com apenas três anos de idade. Será que elas entendem o que eu narro? Fará um sentido para eles em algum momento, o fato de a Branca de Neve comer uma maçã envenenada? E Cinderela? Por que perde apenas um sapatinho e ainda consegue correr mancando?

Naquela manhã de aula, após uma tempestade na noite anterior, minhas dúvidas se dissiparam, ou pelo menos parte delas, porque professor é assim quanto mais sabe mais quer saber.

Pedrinho chegou com a respiração cansada de tanta euforia e, com os olhinhos brilhando de novidades, veio me cumprimentar e descarregou:

– Professora, ontem na hora da chuva, o lobo soprou, soprou, mas a minha casa não caiu. Faltou luz e a minha mãe acendeu uma vela.

* Mestra em Educação pela Universidade Braz Cubas/Mogi das Cruzes/SP; graduada em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes/Mogi das Cruzes/SP. Participa do GEPEC/FE/UNICAMP. Professora alfabetizadora efetiva no Ensino Fundamental I do Estado de São Paulo. E-mail: eguges@gmail.com

Eu com voz embargada de emoção lhe perguntei:

– E o que aconteceu depois?

– Foi muito legal, brincamos com as sombras na parede e vivemos felizes para sempre!!

Dando as costas para mim, abraçou um coleguinha que o levou para o outro canto da sala.

Pedrinho sem perceber deixara no ar, para mim, uma sensação de dever cumprido.

A sala de aula dentro-e-fora

Adriana Stella Pierini*

Eu acompanhava os movimentos ruidosos das turmas em seu primeiro dia de aula. No espaço da escola, pairava a ansiedade das crianças:

Como será minha professora? Quem serão os meus colegas?

Já os olhos das professoras se traduziam em múltiplas expectativas:

Como será minha turma neste novo ano? Como serei eu, nesta nova turma?

Passei no corredor e vi William, um aluno com histórico de agressividade e rebeldia, em processo de construção de suas hipóteses sobre a escrita, cursando pela terceira vez a, na ocasião, denominada 1ª série, parado, em pé, do lado de fora da classe. Sua mãe e irmã tentavam convencê-lo a entrar e lá fui eu sabendo da tarefa nada fácil que me aguardava: a mesma que suas professoras de anos anteriores enfrentaram. Cativar William.

Mais por intuição do que por qualquer outro motivo, perguntei o que havia. Nenhuma resposta.

* Doutora em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP. Orientadora Pedagógica aposentada pela Prefeitura Municipal de Campinas. Professora de ensino superior. Formadora de professores e gestores. Professora colaboradora do GEPEC/FE/UNICAMP. E-mail: adstpier@gmail.com

William derrubava sua “tromba” com cara de quem não falaria nunca mais... Nada!

Lembro-me de que me expressei carinhosa e firmemente ao pedir que ele escolhesse entre entrar ou ir embora. Depois que repeti isso algumas vezes ele sussurrou (para meu alívio...) que queria entrar, mas que estava com vergonha.

Vergonha. Acho que nunca ninguém sequer imaginava que William pudesse sentir vergonha. Era daquelas crianças que parecem muito maiores do que são por dentro. Desafiam-nos naquilo que prezamos mais: as atitudes com os outros. E lá estava ele, dizendo que queria entrar, mas que estava com vergonha...

Pensei: *Bem, metade do problema já está resolvido.*

Então, dispensei mãe e irmã, dizendo àquele menino (e a mim mesma) que naquele ano as coisas seriam diferentes, que ele saberia coisas que os outros não saberiam e que a professora Ítala iria precisar muito dele.

Nada. Nenhum gesto, nenhum sinal de que se movimentaria.

Espiei a sala. A professora estava sentada numa atitude mais que acolhedora com seus alunos, em círculo, no chão e iniciava a apresentação da turma. E William estava fora! *Humpf!*

Num impulso, pedi licença a ela e às crianças para participar da atividade e entrei, querendo trazer William.

Nenhum gesto. O menino parecia estar plantado no chão.

Sentei na roda, correndo o risco de atrapalhar um pouco a proposta.

Eu olhava para William na porta e sinalizava para ele o seu lugar ao meu lado. Agora ele já sorria e dava um passo à frente.

Foi a vez de Ítala convidá-lo. Nada. Nenhum gesto.

Eu transpirava: *Neste ano, precisamos acertar com ele...*

Foi no momento em que a professora perguntou à classe quem adivinharia seu nome que William disparou lá da porta com um sorriso lindo: *Eu sei!*

E a professora, com adequada intervenção, pediu que ele guardasse segredo até todos tentarem adivinhar.

Pronto! Naquele momento ela empoderava William! Ninguém adivinhou, e ele, triunfante, após a autorização da professora pronunciou: *Ítala!*

Dali a sentar-se na roda e participar da atividade proposta foi, literalmente, um pulo.

Durante os minutos em que fiquei ali naquele espaço tão acolhedor e tão significativo, três pessoas vieram me chamar. Optei por não atender. A sala de aula era prioridade para mim. Precisava respeitar aquele espaço. Eu não sabia muito bem porque eu havia entrado, mas sabia porque não deveria sair. Não, naquele momento.

Exercício difícil este da orientadora pedagógica em não atender a outros apelos que não os da sala de aula...

Até hoje não tive conhecimento de quais eram as demandas das pessoas que me chamavam. De qualquer maneira, devem ter sido resolvidas. Ou não...

Mas William ficou ali, empoderado pela sua professora. Ela o fez seu cúmplice. E eu, por testemunhar tudo isso, ganhei meu dia.

O que me impede de desistir?

Heloísa Helena Dias Martins Proença*

Há mais de um ano: entrei na sala e levei um susto. Esperava um grupo de 15 alunas no máximo. Eram quase trinta. Pensei: muita gente pra uma turma de pós.

Eu tinha programado fazer portfólio individual. Desanimei!!!! Quantos registros teria que ler por semana?

Depois do susto comecei a aula. Fiquei incomodada de novo. Um entra e sai naquela sala. Um burburinho. Estava quase desistindo. Poderia inventar alguma coisa e dizer que não teria condições de continuar com aquele módulo. Um turbilhão de coisas passava pela cabeça enquanto decidia o que fazer. Coloquei os slides e enquanto o arquivo abria ia pensando no que decidir.

Diferente do que sempre faço, comecei pelo “contrato didático”. Nada de cada uma chegar na aula num horário diferente e ficar entrando e saindo da sala. Ou vem pra ficar ou melhor não vir. Pensei desse jeito, mas falei de outro, um pouco mais suave. Queria mesmo era dizer gritando! Fizemos os combinados e

* Mestre em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; Especialista em Educação Infantil pela USF/Itatiba/SP; Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UNESP/SP; Pedagoga/SP. Coordena o GRUPAD, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Coordenadora Pedagógica. Docente em cursos de pós-graduação. Formadora de profissionais da educação. **E-mail:** heloisamartinsproenca@gmail.com

apresentei o que pretendia trabalhar com o grupo. Decidi, meio sem querer de verdade, fazer o portfólio individual como proposta para avaliação. O grupo aceitou sem discutir. Apresentei a proposta da disciplina e partimos para a primeira atividade. Construir a capa do portfólio. Eu já estava mais acomodada à situação. Mais relaxada.

Intervalo. Nem sei dizer quantas das alunas vieram falar comigo. Quase todas eu imagino! Por dentro sentia um misto de muitas coisas e ainda pensava se deveria insistir em trabalhar com aquele grupo de pós-graduação em psicopedagogia. Elas, as alunas, queriam justificar o entra e sai na aula. Contaram que era o último dia para indicar quem queriam para professor orientador do Trabalho de Conclusão de Curso.

No retorno do intervalo começamos a conversar das nossas relações com a matemática no decorrer da trajetória de formação. Conforme falavam eu ia reconstruindo minha própria experiência, coincidente em alguns aspectos, não em outros. Na conversa, fui relaxando mais, quando me dei conta já trocávamos mensagens por WhatsApp e nos encontrávamos pra tomar café. O que me impede de desistir?

Liberdade?

Marciene Aparecida Santos Reis*

A tal liberdade tornou-se o meu dilema no momento do parque. Eu havia defendido tanto – e escutado tantas outras defesas também na faculdade e na escola – de que a criança deveria ter espaço de autonomia, de liberdade para poder criar, imaginar e sentir, de desencadear momentos de exploração dos espaços a ela permitidos, de seu corpo, de suas potencialidades e limitações. Espaço para a criança ser criança!

Sendo assim, durante o momento do parque as crianças nos instigavam a ajudá-las a explorarem os brinquedos:

- Ajuda aqui!
 - Balança pra mim!
 - Não consigo sozinha!
- E eu ia lá ajudá-las... E, em troca, ouvia:
- Você balança devagar...
 - Me ajuda a ficar de ponta cabeça?

* Doutoranda em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; mestre em Educação pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; graduada em Pedagogia pela FE/UNICAMP/Campinas/SP; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC/FE/UNICAMP. Professora do Ensino Fundamental I, da educação superior à distância em Pedagogia e da pós-graduação em Alfabetização e Letramento. E-mail: marciene@gmail.com

Ai, ai, ai!!! Ficar de ponta cabeça? Eu balanço devagar? Essa liberdade é complicada! E se a criança se machucar? Quebrar o braço, o pescoço, a perna, sei lá...

Então pensava... Na verdade, a medrosa era eu. Eu tinha medo do balanço, do gira-gira, do escorregador e o meu medo fazia com que eu “limitasse” a liberdade da criança de explorar suas limitações e de não sentir esse medo que eu sentia...

E fui logo falando:

– Eu acho que eu não consigo levantar vocês, vou chamar outra professora para ajudar...

Ufa! Escapei. Escapei hoje.

Mas, no dia seguinte, tentei também me arriscar, dizendo:

– Segure bem forte!

– Vá devagar!

As crianças:

– Pode soltar! Eu vou sozinha!

E eu:

– Então, tudo bem! Vou soltar... Um, dois, três...

Pula!

“Tio, você é de outro país?”

Tiago Ribeiro*

Em 2013 pude vivenciar, pela primeira vez, a experiência de ser professor regente de turma. Naquele ano, comecei a trabalhar no Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), como professor contratado, com uma turma de segundo ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Até então, acompanhava, na mesma escola, na condição de pesquisador, a prática alfabetizadora de uma professora e amiga, com a qual muito aprendi sobre alfabetização. Assumir uma turma, entretanto, me colocava desafios outros, os quais despertavam em mim um misto de alegria, ansiedade e insegurança: como seria agora?

Em meu fazer pedagógico, a roda de conversa é uma prática comum. Ela é um espaço no qual, coletivamente, estudantes e eu refletimos sobre o que vivemos, pensamos projetos de interesse do grupo, conversamos sobre questões disciplinares e tomamos decisões do interesse de todos. Em meados daquele ano, em uma roda de conversa, um acontecimento se

* Doutorando em Educação pela UNIRIO, vinculado ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF). Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad) e professor dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. E-mail: trsunirio@gmail.com

constituiu em experiência para mim, pois me marcou significativamente, me atravessou, de modo que ainda hoje trago comigo o aprendizado vivido naquele dia...

Eu e a turma estávamos sentados em roda no chão. Era uma sexta-feira, pouco depois da hora da entrada e conversávamos sobre a história que eu acabara de ler. As crianças falavam de suas impressões, do que haviam gostado ou não. Também dava minha opinião. Enquanto eu falava, Victor, um menino de 7 anos, levantou o dedo e perguntou:

– Professor, o senhor é de outro país?

Minha primeira reação à pergunta foi rir. Achei inusitada a pergunta do garoto.

– Eu? De outro país? – respondi e acrescentei: – Não, Victor! Sou daqui do Brasil! Por que você acha que eu sou de outro país?

Ainda não satisfeito com a resposta, o menino argumentou:

– Então por que você fala “conosco”?

Ri entre alegre e surpreso. Olhando-o, perguntei à turma:

– E aí, gente? O Victor perguntou se sou de outro país porque falo “conosco”. Sou ou não sou? O que vocês acham? O que significa “conosco”?

Houve um pequeno alvoroço. Um professor de outro país? Que língua é essa que tem uma palavra como “conosco”? Algumas crianças expressaram sua opinião concordando com o menino: “Sim; o tio fala muito diferente!”. Outras, por sua vez, discordavam, até que Lorena, também estudante da turma, disse:

– Victor, “conosco” é com todo mundo! É com a gente!

– Ahhhh!... – respondeu ele, demorando no “aaaa”.

Mais tarde, quando tocou o sinal anunciando o recreio, Victor se aproximou de mim e perguntou:

– Tio, você vai descer conosco?

Sorri. Compreendi que não há uma língua própria para a educação, que o educar não tem idioma, senão uma linguagem que reclame pelo encontro, pelo sentido, pela conversa. Victor me ensinou que as únicas palavras desejáveis no ato educativo são aquelas que nos aproximem, nos possibilitem o diálogo, a partilha da língua, da palavra própria e da palavra outra, do pensamento. Ensinou-me também que as palavras podem nos aproximar, nos avizinhar, nos tornar próximos: uma comunidade de afeto, de aconchego. Podem, no entanto, também nos distanciar, tornar-nos estranhos, estrangeiros, “de outro país”. Não se trata de palavras fáceis ou difíceis, conhecidas ou desconhecidas; trata-se, antes, de uma linguagem que possibilite o encontro, a partilha, o estar e pensar junto.

Então sorri. O “conosco” que ouvia de Victor não era o mesmo “conosco” que eu falara na roda. Seu “conosco” era grávido de sentido, indispensável à linguagem da educação. Aprendi com ele que o sentido não pode estar apenas nas atividades que propomos diariamente, mas nos gestos mínimos, nas palavras e contrapalavras tecidas cotidianamente. Saí um pouco mais rico do que quando começamos a aula, porque a beleza da sabedoria e dos ensinamentos das crianças é

uma fortuna que enriquece nossos olhares e sentidos.

Respondi, pegando em sua mão:

– Sim. Vamos descer todos juntos! – e assim fomos.

A pedagogia do riso

Nara Caetano Rodrigues*

Em setembro de 2010, como acontece todo ano no segundo semestre, há 15 anos, fomos para as cidades históricas de Minas, com os alunos dos 9^{os} Anos do Colégio de Aplicação da UFSC. Essa é uma das saídas de estudos do Projeto Interdisciplinar Pés na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola. Naquele ano, foram mais de 50 alunos e 7 professores de História, Geografia, Sociologia, Biologia e Língua Portuguesa. Fomos divididos em dois ônibus, eu, a professora de Sociologia e o professor de História ficamos responsáveis por um dos grupos.

O professor de História, como todo ano, falou das três perguntas proibidas: *Professor, onde nós estamos? Professor, falta muito? Professor quando é que a gente vai chegar?*

Como a viagem é longa, dura aproximadamente 22-23h, além de ver filmes, ouvir música, dormir, comer e fazer as perguntas proibidas, naquela viagem, os alunos ouviram histórias contadas por mim e pela professora de Sociologia.

* Pós-doutora em Educação pela UNICAMP, doutora em Linguística pela UFSC. Professora no Colégio de Aplicação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS/UFSC. Email: nacaetano@yahoo.com.br

A ideia foi dela que começou a contar uma história de um ônibus de estudantes que ia a Minas, mas que nunca chegou. Eu entrei na história dela e fui acrescentando detalhes; ela completava e assim ficamos por um bom tempo “inventando e enrolando” para passar o tempo. Alguns alunos ficaram com cara de assustados, mas pediam para contar mais, faziam perguntas e nós respondíamos.

Uma delas foi: “Como era o ônibus?”. E a resposta: “Era parecido com aquele que vai passando ao lado, ih, acho que era aquele mesmo, está vazio, ninguém consegue ver os estudantes, eles nunca mais foram encontrados.”

Por coincidência, pouco depois passamos novamente pelo ônibus estacionado e sem o motorista. Justamente quando o motorista do nosso ônibus perdeu-se e ficou dando voltas num pequeno vilarejo. No momento, em que passamos pela segunda vez pelo ônibus parado, muitos gritaram surpresos: *“também estamos perdidos”, “já está anoitecendo”; “Nós também nunca vamos chegar”.*

Quando vimos que alguns meninos e meninas de 14-15 anos estavam ficando com medo, tentamos desconstruir a história, mas já era tarde demais, eles insistiam que era verdade.

No final do ano, nas memórias sobre as atividades do projeto, houve quem contasse os momentos de pavor quando o ônibus ficou horas rodando (na verdade, foram alguns minutos) e o medo que passaram de nunca chegar como aqueles estudantes que estavam no ônibus da história contada pelas professoras de Português e Sociologia.

Eu tenho dúvidas até hoje do caráter pedagógico da nossa história, ainda tenho medo que algum pai ou mãe venha me culpar por algum trauma de viagens longas ou saídas de estudos – o que felizmente até agora não aconteceu. Mas, pessoalmente, me envolvi muito nessa atividade e nem sabia que eu era capaz de inventar histórias com tanta verossimilhança a ponto de eles quererem me convencer que era verdade, mesmo eu dizendo que tínhamos inventado.

Além disso, me envolvi e me diverti muito com a história inventada, tanto que me lembro do comentário de uma aluna: *“Como a professora está diferente nessa viagem!”*. Eu não conseguia saber em que eu não estava sendo igual aos outros dias. Então, ela respondeu: *“A professora está rindo; a gente não está acostumada e ver você sorrindo.”* A colega ao lado concordou: *“É você entra e sai da aula sempre séria”*.

A fala delas ficou ressoando nos meus ouvidos e tocou fundo no meu ser-pessoa-professora. Como nunca tinha me dado conta disso? Fiquei com essa turma por dois anos seguidos, o que nunca tinha feito antes e acho que tive tempo de rir outras vezes. Ao menos, me flagrei em alguns momentos hesitando antes de dar uma bronca e pedir silêncio, quando algum aluno quebrava o silêncio com um comentário desconcertante, acabava me rendendo e rindo junto.

Não, não me lembro de nenhuma gargalhada, mas quem sabe ainda chego lá...

Da cor do Batman, da cor da capa do Batman

Silvana Ortiz Vieira Ruiz*

Em um dia qualquer na Educação Infantil, enquanto muitas crianças do agrupamento II (dois e três anos) experimentavam o novo brinquedo, outras guardavam pauzinhos nos bolsos.

Embaixo da árvore, eu e Derick estávamos juntos observando as demais crianças.

Derick, recém chegado do berçário, tudo era novo e lhe causava um certo medo.

Neste meio tempo, chega Arthurzão, apelido dado por ele mesmo depois que constatou que era o maior da turma após medição feita com todas as crianças.

Disse Arthurzão:

– A testa do Derick é igual a cor do meu braço.

– E seu braço que cor é afinal? Pergunto.

– Da cor da testa do Derick. Responde prontamente.

Nisso mais uma criança se aproxima e quer fazer parte da conversa.

– Meu braço é branco. Diz Eduardo

Então pergunto:

– E o braço do Arthurzão, que cor você acha que é?

E Arthurzão responde convencido:

– Da cor da testa do Derick.

* Graduada em Pedagogia pela FE Unicamp Campinas- SP. Pós graduação em Letramento IEL Unicamp Campinas- SP. Professora de Educação Infantil Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: silvanaortivi@bol.com.br

– E que cor é a testa do Derick? -Insisto

– É verde. Hum! Laranja. Olha aqui, mostra o braço, na certeza de que eu veria a cor e ficaria satisfeita.

– Laranja? Você tem certeza?

Neste momento, chamo para a conversa Eduardo que estava só observando todo o desenrolar da conversa.

– Que cor você acha que é Dudu o braço do Arthurzão?

Eduardo responde prontamente e convicto.

– Preta.

Continuo a perguntar:

– E a testa do Derick?

– Preta.

Sem titubear Arthurzão conclui:

– Da cor do Batman, da cor da capa do Batman.

Balançando

Luciane Salado*

Estávamos no parque enquanto uma criança pedia para ser balançada...

A situação era engraçada porque mal a balança parava e ela estava aos berros pedindo:

– Me balance!

Sua voz grave e seu tamanho tão pequeno tornavam a situação bastante engraçada!

As outras crianças quando percebiam que eu (adulta) não dava conta de balançá-la, pois também tinha que atender outras crianças, ficavam incomodadas com aqueles sonoros gritos e tentavam ajudá-la!

Ela nem sempre ficava satisfeita e quando eu chegava para balançá-la pela frente, ela gritava:

– Pui tás!

A situação se repetiu como o ritmo da balança, até que uma criança conseguiu balançá-la por traz, como ela queria! Subitamente escutei um grito:

– Ai meu cuuuuuuuuuuu!

Que também se repetiu por algumas vezes até que eu a olhasse, com muita vontade de rir, confesso, e fizesse um sinal de silêncio com o dedo indicador sobre

* Pedagoga formada e com especialização em Educação Infantil na Faculdade de Educação da Unicamp. Professora de Educação Infantil na rede municipal de Campinas. E-mail: lumsalado@gmail.com

os lábios. Minha intenção era que ela parasse de repetir a palavra que para muitos é um palavrão, mas que ela estava usando simplesmente como forma de dar nome a uma parte de seu corpo.

Então ela olhou para mim, balançou a cabeça positivamente, como quem concorda, e, bem baixinho, falou novamente, olhando nos meus olhos e sorrindo:

– Ai meu cuuuu!

Surpresas do Tempo

Idelvandre Vilas Boas S. Santos*

Era início do ano letivo e eu estava chegando à escola, após um período de três anos sem Orientadora Pedagógica... Sendo assim, esclareci aos professores como seria minha atuação como Orientadora Pedagógica e que as observações de aula teriam o objetivo de estabelecer parceria e colaborar com o desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos. Então me ofereci para a realização das sondagens dos alunos.

Conversando com uma professora que expressava sua angústia por não saber se uma aluna que era atendida pela educação especial havia aprendido, e avançado no ano anterior (2º ano) e ainda, por que a mesma continuava com ela na turma do 3º ano.

Tranquilei a professora e combinamos um dia para que eu a auxiliasse na realização da sondagem da turma para verificar em que hipótese de escrita os alunos se encontravam.

No dia combinado ao chegar à sala de aula a professora pediu que eu realizasse a sondagem daquela aluna que era atendida pela educação especial. Após realizar a sondagem juntamente com a professora,

* Especialista em Gestão do Currículo pela FE/USP/SP; licenciada em Pedagogia pela FE/UNIP/Campinas/SP. Participante do GRUPAD e GRUBAKH, subgrupos do GEPEC/FE/UNICAMP. Orientadora Pedagógica na Rede Municipal de Campinas/SP. E-mail: idelvandre@gmail.com

sentamos para conversar sobre o que a aluna já sabia e o que ainda ela precisava aprender dentro de suas possibilidades.

Surpresa, a professora constatou o quanto a aluna tinha avançado no processo de aprendizagem e o quanto ela já sabia. Contentes, comemoramos o avanço da aluna, e parabenizei a professora pelo trabalho que havia realizado ao longo do 2º ano com aquela aluna e tratamos do percurso que ainda tínhamos que percorrer ao longo do 3º ano.

O tempo que é invisível e insiste em correr, há seu tempo manifesta surpreendentemente as belezas do conhecimento que nos encanta e nos motiva nos encontros e desencontros da profissão.

Aprender no encanto com o outro

Liana Arrais Serodio*

Distribuídas as flautas. Esses meninos e essas meninas grandes parecem pequenos quando seguram suas flautas pela primeira vez. A surpresa e o encantamento os levam – e a mim – à primeira infância. Seus sorrisos deslumbrantes, trocados entre si e de um para o outro ao primeiro sopro, ao primeiro apito, à primeira nota são apaixonantes.

São... barulhentos e irritantes também. Ainda bem que estamos bem longe de qualquer outra sala de aula. Ninguém precisa, nessa hora, de ouvir uma reclamação, de alguém que diga que nossas brincadeiras atrapalham.

Aos poucos vão se aquietando, intuindo que há mais. Uma quietude densa vai se formando. Tem uma professora na sala que pode trazer mais perto a música que suspeitam, há naquelas flautas. Tem uma professora na sala! Agora cabe minha voz. Minha flauta tem que falar e não cantar.

– Vamos fazer uma música cantando?

Uma certa decepção: querem tocar! E eu continuo:

– Cada um canta seu nome. E a gente vai procurar esse canto na flauta.

Suspiros de alívio.

* Doutora em Educação e bacharel em Música UNICAMP/Campinas/SP. Coordena o GRUBAKH, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. E-mail: laserodio@gmail.com

– Mas pode cantar de qualquer jeito? Qualquer nota?

– Pode. Daí a gente vê o que dá.

A – lex.

So-fi – **í** – a.

Pego minha flauta. Procuo reproduzir o que cantam.

Silêncio de escuta.

Percebem minha procura e notam quando encontro.

Aqueles olhos voltam a brilhar e me deslumbrar.

Olham como faço. Seguem meus dedos.

Alguns tocam de bate pronto. Ajustam o som que fazem com o som que escutam.

Outros perguntam olhando os dedos dos amigos e se voltando para mim.

– Como segura esse trem?

– Ah!

Alguns precisam sentir os furos na polpa dos dedos.

Outros, querem que um dedo mexa e mexe o outro!

Se achegam:

– Não consigo!

– Consegue.

– Consegui!!!!!!!

Risadas mil.

Sol – mi

Mi ré – **fá** mi

Quantos mundos de eus-e-outros foram abertos nesse encontro?

Mais amor, por favor!

Aline Gomes da Silva*

Um dia desses, ao chegar à escola em que trabalho (o Instituto Nacional de Educação de Surdos), a chefe administrativa foi ao meu encontro reclamar que um dos meus alunos escrevera, com canetinha permanente, no batente da janela, a palavra amor entre muitos corações. Recomendou-me que conversasse com a turma sobre o ocorrido. Fui logo me justificando. Como poderia ter acontecido em minha aula se estou sempre atenta buscando corrigir os “vacilos” dos meus alunos?

Entrei na sala de aula, dei um “boa tarde” apressado à turma e, de maneira meio truculenta, fui logo ao ponto perguntando quem havia escrito no batente da janela. De pronto, meu aluno assumiu a autoria com certo orgulho e ingenuidade no olhar. Surpresa, perguntei:

– Pode fazer isso? Está certo?

Ele nada respondeu; só me olhou fixamente. Então, continuei:

– Você faz isso na sua casa?

À minha pergunta, ele respondeu:

– Sim.

* Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores/ FFP-UERJ. Professora das Séries Iniciais do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad).
E-mail: aline.unirio@gmail.com

Retruquei, mas sem muitos argumentos, próprio de quem fez a pergunta errada. Tornei a indagar:

– Por que você faz isso?

Com uma resposta certa, ele me estremeceu, dizendo:

– Na minha casa é normal. Meu pai me deixa recado na geladeira e perto da cama dizendo que me ama quando ainda estou dormindo. Eu também escrevo para ele.

Depois dessa resposta, uma multiplicidade de pensamentos me atravessou, entre eles o quanto falamos pouco de amor na escola e em minhas aulas, embora eu tenha a certeza de que ele está presente. O quanto disciplinamos nossos estudantes para o cuidado com a escola em sua limpeza e na conservação do patrimônio, mas damos tão pouca atenção à estética e à poética manifestada diariamente em gestos que são mínimos e sensíveis aos nossos olhares, sempre apressados e de julgamentos frágeis.

Meu aluno me ensinou que, sim, é necessário falar, escrever e viver o amor em todas as circunstâncias da vida, inclusive na escola, sem que para isso haja uma pauta ou conteúdo programático em especial. A partir desse acontecimento, estamos criando e pensando juntos formas alternativas e criativas de expressar nossos sentimentos na escola, sem que haja obrigatoriedade ou repressões. As escritas no batente da janela são permanentes. Tentaram apagar, mas permanecem ali para nos lembrar que é preciso mais amor, como Paulo Freire há muito tem nos ensinado e provocado: porque prática de gente, a educação é, também, como me lembrou meu aluno, um ato de amor.

Sobre leitura...

Josane Batalha Sobreira da Silva*

Este ano estou trabalhando com uma turma do 5º ano. A faixa etária da turma é de alunos com idade entre 10 e 11 anos. Logo no começo do ano percebi que alguns alunos tinham algo em comum, não gostavam de atividades com leitura. Era uma dificuldade para realizar leituras coletivas na classe e individual nem se fala! Foi então, que começamos a planejar atividades mais divertidas e gostosas que envolvessem leitura.

Durante o ano programamos diferentes atividades: visitas a biblioteca, começamos a planejar contações de histórias na sala. Trabalhamos com leitura de fruição, onde sou um modelo de leitora para eles. Já estamos no terceiro livro, atualmente lendo “O Gênio do Crime”. Eles estão amando. O primeiro livro foi sobre a vida de Galileu Galilei “O mensageiro das estrelas”, o segundo foi sobre Malala, esse especialmente, eles amaram!

* Especialista em Ética, Valores e Saúde na Escola pela USP/UNIVESP-SP. Especialista em Relações Interpessoais na Escola e a Construção da Autonomia Moral pela UNIFRAN-SP. Psicopedagoga pela UNICAMP-SP. Pedagoga pela PUC-CAMPINAS-SP. Participante do Grupo de Terça do GEPEC/FE/UNICAMP. Educadora Inovadora Especialistas Microsoft (MIE Experts), reconhecimento da Microsoft Educação com certificação Microsoft Certified Educator (MCE). Professora Polivalente do Ensino Fundamental 1 do Colégio Visconde de Porto Seguro – Unidade Valinhos – SP. E-mail: jo_sobreira@yahoo.com.br

Envolveram-se tanto com a história, como se fizessem parte dela!

A questão é que Malala sempre pensou de forma diferente. Desde criança, ela se destacava por ser uma excelente e dedicada aluna. O tempo passou e o interesse da jovem pelo conhecimento só aumentou. Malala não reclamava de precisar acordar cedo para chegar ao colégio; ela reclamava se era proibida de ir para a aula. Ela diz: “Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo.”

Foi quando Isadora, uma aluna muito atenta e curiosa disse: “Professora, você é tão tecnológica! Não poderíamos fazer um Skype com a Malala? Isso seria demais!” E eu pensei, por que não?

Na outra escola eu era especial

Vanessa França Simas*

Logo que cheguei no 3º ano H, ocupando o lugar da professora substituta que com eles ficou até oito de agosto, imaginei que não seria muito bem recebida. Afinal, em Granada[†], senti o drama das crianças que deixei no meio de 2013 e de algumas de outros anos também, quando conversava com elas por facebook ou skype. Acontece que não foi isso que ocorreu. O 3º H me recebeu muito bem, me ajudaram com o funcionamento (para mim desconhecido) da nova escola, fizeram declarações, conversaram, não vi nenhuma careta...

Mas vi o Osvaldo[‡], menino pequeno, que olhava para baixo, não sorria, não respondia e não tinha amigos, só o João. Osvaldo me intrigou desde o primeiro dia. Ainda na primeira semana, o garoto não realizava nenhuma das propostas da aula, brincava em

* Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação/UNICAMP/ Campinas/SP e na Facultad de Ciencias de la Educación/UGR/ Granada/Espanha, em regime de cotutela; licenciada em Pedagogia pela FE/ UNICAMP. Pesquisadora do GEPEC/FE/ UNICAMP. Professora da educação básica. **E-mail:** vanessafsimas@gmail.com

[†] Na Universidade de Granada (Espanha), realizei um estágio investigativo no período do mestrado. Por essa razão tive que sair da escola em que trabalhava no meio do ano e retornei para outra prefeitura em agosto de 2014, quando acabei o estágio.

[‡] O nome das crianças é fictício.

sua mesa com seus brinquedos e só falava com o João, ou respondia de maneira monossilábica. Até que um dia eu cansei, peguei seus brinquedos e disse que ia guardar e quando ele pudesse brincar eu devolveria. Osvaldo não fez nada. Passaram-se alguns minutos, ele levantou, veio até mim e disse sério “Devolve os meus brinquedos agora!”, não devolvi e ele começou a chorar. Levei os brinquedos, conversei, perguntei um monte de coisas e nada...

Na semana seguinte Osvaldo e João seriam a dupla da primeira fila do centro. Conversei com a professora que havia sido dele, no ano anterior, e ela me disse “Ele sempre foi assim, sério, não fala com ninguém, tem dificuldade, não responde... assim!” O diálogo com Osvaldo era monólogo, todo dia eu fazia o meu monólogo, todo dia via uma criança olhando para baixo e como respostas somente movimentava a cabeça.

Não sei muito bem quando que o monólogo foi virando diálogo, que o Osvaldo nos disse que tinha novidades, que me pediu para apagar a lousa, que sorriu e que olhou para mim. Não sei muito bem em qual das conversas que a voz escapuliu e o sorriso saiu, não sei muito bem em qual ajuda que ele aceitou ser ajudado, ao invés de virar as costas, e nem em qual dia que ele brincou com outras crianças que não era o João.

Hoje, precisando buscar o material dourado, deixei a sala e quando voltei estavam todos rindo, disseram o por quê: "o Dani (do terceiro do lado que tem Síndrome de Down), entrou na nossa sala, dançou com a parede de um jeito que não deve" e justificaram que o Dani é especial. Neste momento, comecei a dizer o que penso

sobre ser especial, expliquei que na minha opinião todos somos especiais, que uns por uns motivos, outros por outros, justamente por sermos diferentes somos especiais. O papo estava rolando sobre isso e sobre como devem ajudar o Dani ao invés de rir, quando Osvaldo fala bem baixinho, como se estivesse em dúvida se queria que alguém escutasse ou não:

– Na outra escola eu era especial.

Logo contestei, baixo também, perguntando por quê? Ele disse que não sabia, disse que talvez porque na outra escola ele era pequeno, "tinha apenas uns três aninhos..." Achei melhor perguntar o que era especial. Ao que João, do seu lado, respondeu:

– É ser importante.

E Osvaldo concordou:

– É isso.

Olhei bem para ele, pedi que olhasse para mim e disse que ele era especial e que, para mim, ele era muito especial. Ele olhou para baixo. Voltei às divisões que explicava antes para a turma. Depois de explicado, voltei ao Osvaldo e ao João com as adições com reagrupamento. Foi hoje, a primeira vez que vi Osvaldo vibrar porque aprendeu algo que não sabia.

Que CHU, tia? Onde você viu CHU aí?

Naara Maritza de Sousa*

Sexta feira. Adoro sexta feira! Nestes dias, me sinto mais reflexiva e divertida. Após alongamento e meditação, iniciamos mais uma aula na turma de 1º ano do ciclo de alfabetização em uma sexta feira calorosa, na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro.

As atividades do dia eram de jogos pedagógicos que abordavam a escrita, leitura e matemática. Após aquela longa conversa clichê, já repetida e conhecida por todos, tentei novamente explicar que deveriam ter cuidado com o material, respeito às regras e normas e todo aquele discurso repetitivo e necessário antes de encarar as próximas três longas e cansativas horas como mediadora de vinte e sete crianças (três faltaram), eufóricas com os momentos lúdicos. Os jogos disponíveis no dia narrado são recebidos da Prefeitura e alguns outros que eu mesma produzo. Cada grupo, formado por quatro alunos, recebeu três jogos distintos e iniciou as brincadeiras.

* Professora alfabetizadora da SME/RJ. Pedagoga e pós-graduada em Docência no Ensino Superior pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG). Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad) e do Coletivo Independente de Narradores da Educação (CINE – Tis); Criadora e moderadora da página “Diário de Bordo – Alfabetização”: www.facebook.com/diariodebordoalfabetizacao/ E-mail: naaramaritza@hotmail.com

Trinta minutos após, pensava em como era bom trabalhar jogos na alfabetização e em como estavam felizes em aprender brincando. Uma hora se passou e uma média de cinco discussões mediadas e duas brigas separadas... Afinal, era início de semestre e este início é árduo! Uma hora e vinte minutos de jogos, me apego no pensamento e na experiência de uma mera professora iniciante, de que, com o tempo e com a rotina de jogos e de momentos lúdicos, os alunos irão se relacionar melhor. Me apego nesta força do pensamento para que eu não desista. Aproximadamente duas horas depois do início dos jogos, estou com sentimento de exaustão; suor escorre nas costas, os cabelos já estão presos em um coque para amenizar o calor de 40°C que acompanha uma irritação natural de estar em uma sala de aula pequena, lotada de corpos quentes, sem refrigeração. Sorrio com menos frequência. O lado pedagógico romantizado por mim já não me atrai como outrora. Fico feliz de ver que a maioria dos grupos está finalizando os jogos... Então, ouço alunos de mais um grupo me gritarem esbaforidos:

— Tia! Tia! Venha ver! Conseguimos terminar!

O jogo que finalizaram era um dos jogos silábicos enviados pela prefeitura, em que havia, em pedaços de madeira quadrados, imagens diversas e, em outros pedaços, a escrita da primeira sílaba correspondente àquelas imagens. Deveriam montar os pares correspondentes, como num dominó. Ao me deparar com o resultado do jogo, falo:

— Está praticamente tudo certo! Hum... Mo no morango. Sim... ok! Lápis, LÁ...hum... certo... este daqui também..., mas, o que é isso aqui? CHU no Homem? O que o CHU tem a ver com isso?

Falo com um tom de autoridade intelectual e como pessoa portadora dos saberes! Neste momento, três alunos, sincronizados, apontam o dedo para a autora e responsável do suposto erro:

— Foi ela!

Seus amigos lhe delataram! Neste mesmo momento do ocorrido, alunos começaram uma discussão em outro grupo. Por instantes de segundos, vivenciei aquela frase repetida por muitos em minhas terras mineiras "passou um filme em minha mente". Tinha que agir rapidamente no meio do tumulto de alunos. Pensei em lembrá-los que C e o H juntos fazem o som do X e pedir para que pensassem mais um pouco. Ao mesmo tempo, ouvia vozes de minhas formadoras, de meus pares de estudos nos espaços discursivos-acadêmicos e de formações continuadas e de todas as teorias que defendíamos. Vozes que ecoaram, esbravejaram e me fizeram refletir neste "pequeno filme que passou em minha mente"...

Enfim, não poderia agir contraditoriamente ao que defendo! Não seria certo. Não seria justo. Não seria ético. Não dialogar com os alunos? Seria, no mínimo, hipócrita! Se seu aluno lhe apresentasse esse resultado, o que você faria? Diria que estaria errado? O corrigiria? Lhe pediria para pensar mais um pouco? Segui meus saberes em discussões nos espaços formativos e,

respaldada na perspectiva da alfabetização discursiva-dialógica, olhei para a aluna acusada e perguntei:

— Porque você colocou a sílaba CHU na imagem do homem?

E ela me respondeu com tom de certeza e confiança em sua extensa experiência e vivência de seus sete anos de vida.

— Que CHU, Tia?!? Onde você viu CHU aí? Olha só! Aqui é C HUMANO!!!!".



Silêncio no momento... Precisava digerir a informação! Não soube o que fazer. Saio correndo da sala de aula direto para a direção. Narrei deslumbrada, para umas três outras profissionais que encontrei no corredor! Volto para a sala, abraço, beijo e aperto minha aluna. Estava empolgada com o aprendizado do dia. Que CHU? O CHU estava enraizado em minha mente presa, em minha mente limitada. Aprendi com a pequena que as crianças não têm limites para pensarem e refletirem sobre algo. A limitação era minha!

A descoberta de minha ignorância me provocou tensões criadoras e reflexivas. A resposta que ouvi me levou à reflexão da necessidade de mais cuidado e relações mais dialógicas nas próximas ações! O problema não era apenas o cansaço, não era o caos do horário do jogo, não era com as crianças ou com as dificuldades da estrutura. O problema era também a minha limitação. Poderia apenas tê-los corrigido com toda a minha ignorância e finalizado aquela aula cansativa para o trabalho docente e me considerado a única portadora do saber, acreditando que todos pensam igual...

Como a formação continuada foi necessária para essa descoberta! Os diálogos e trocas de saberes com meus pares florescem nestes singelos momentos que resinificam todas as minhas ações. Essas trocas colaboraram para desenvolver a percepção e sensibilidade que tive nesse momento de intervenção. Este relato me toca como uma prova concreta da relevância de práticas discursivas e dialógicas nas ações docentes e para o processo de ensino/aprendizagem. Também considero o fato de nos atentarmos às vozes e enunciados das crianças (BAKHTIN, 1992). Aproveitar o percurso da formulação do pensamento das crianças favorece as práticas na alfabetização. Esse momento foi de riqueza imensurável para minha reflexão na ação. Ouvir sempre as crianças e suas questões é o eixo fundamental para uma alfabetização discursiva!

O que é o que é?

Juliana Terra*

Recebi a notícia que havia conseguido a vaga para atuar como professora do 5º ano. Seria a primeira vez que eu atuaria efetivamente como pedagoga, trabalhando na educação formal diretamente com crianças no auge dos seus 10 anos.

Novidades para mim, novidades também para eles. Receber uma nova professora no meio do ano, quando as relações com a professora anterior já estavam bem estabelecidas, quando a “zona de conforto” já havia sido criada, trazia certas inseguranças, muitas dúvidas e diversas expectativas.

Para que as aproximações não ocorressem de forma brusca, por decisão da escola, e por pronta aceitação de ambas as professoras (a que estava saindo e eu, que estava prestes a entrar) por algumas semanas atuaríamos juntas na sala de aula. Assim, o bastão ia sendo passado aos poucos, como numa corrida de revezamento.

Durante a corrida, eu estava no meu posto, esperando a outra professora chegar com o bastão. Embora parecesse parada na marcação, eu estava, na

* Doutora em Ciências pelo IQ/UNICAMP/Campinas/SP; licenciada em Química e Pedagogia pela UNICAMP/SP. Professora de Ensino Fundamental I, Ensino Médio e Ensino superior. E-mail: julitterra@gmail.com

verdade, bem dinâmica. Olhos atentos, ouvidos abertos, tato sensível e reflexões em disparadas.

Entre tantas coisas que me chamaram a atenção, tantas mesmo, uma eu resolvi transformar nessa pipoca. Talvez pelo desenlace que teve, talvez porque as outras em breve estourarão.

Pois bem, não foi difícil perceber, nas minhas idas à escola, que as crianças não gostavam nem um pouco das atividades com dicionário. Quando havia uma atividade que requereria o uso desse instrumento, era frequente ser deixada de lado pelos alunos, que ora alegavam ter esquecido o dicionário em casa, ora tentavam “desvendar” o significado de uma palavra por conta própria, ora, simplesmente, pulavam para a próxima atividade.

Bastão entregue, foi minha vez de acelerar e colocar as pernas na pista de atletismo.

Com relação ao dicionário, nada mudou. Esse instrumento continuou sendo algo “malquisto” pelos alunos do quinto ano. E o peso do dicionário passou a ser mais um empecilho para seu uso em sala, já que a mochila ficava ainda mais pesada. Mas, e em casa? Ah, não foi difícil perceber que a internet, com seus sites confiáveis ou não, dominavam as ações que se esperaria que fossem realizadas com o dicionário físico, de papel.

Em um dia qualquer, em uma das primeiras semanas que eu estava correndo na pista de atletismo, uma das alunas, infeliz com o uso do dicionário, questiona quem foi o “louco” que escreveu e detalhou cada uma daquelas palavras. E o porquê a gente

acreditava que era verdade tudo o que ele dizia ser. Como poderíamos ter certeza?

Eu achava que estava correndo revezamento com bastão, mas descobri que, uma vez passado o bastão, a corrida passaria a ser com obstáculos. Assustador por um lado, motivador por outro: era preciso encontrar meios para vencer cada um deles e dar continuidade à corrida.

Assim, apresentei aos meus alunos um livro chamado “Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças”. De origem colombiana, este livro, de autoria de Javier Naranjo (2013) traz as definições de várias palavras segundo o olhar de crianças. Naranjo coletou os diversos olhares infantis para o mundo que os cerca ao longo de 10 anos e selecionou um pouco do que registrou para apresentar aos leitores nesse livro.

A cada dia, alguns minutos da aula eram destinados a leitura do livro. Procurava, a cada dia, ler as definições para uma das letras do alfabeto apresentadas pelas crianças colombianas. Os comentários dos alunos eram inevitáveis: de risadas às exclamações com opiniões favoráveis ou contrárias. Intervenções que, com frequência, acabavam trazendo para as palavras lidas, as definições daquelas crianças brasileiras ali comigo na sala.

A expectativa pela leitura diária era grande. Pedidos para que fossem lidas mais palavras ou a hora em que isso deveria ocorrer passaram a ser habituais. Então, pouco a pouco, eu fui construindo um planejamento. Se as crianças colombianas tiveram a oportunidade de escrever os significados das coisas

segundo seu olhar, por que não dar as brasileiras a mesma possibilidade?

Finalizada a leitura do livro, uma proposta foi lançada para a sala: Que tal vocês agora construírem um dicionário?

A resposta veio na forma de euforia, risadas, sugestões e ideias: várias ideias.

Começamos a dar corpo no que seria o “nosso dicionário”. Um caderno bonito, com capa de veludo, serviu para ser nosso livro de registro, onde as definições seriam anotadas.

Por uma decisão minha, as palavras que fariam parte do dicionário seriam escritas por mim, enquanto às crianças caberia a parte mais rica: propor definições a elas.

Hoje, refletindo mais diretamente sobre a proposta, penso que não tomaria essa decisão. No entanto, na ocasião, fiquei receosa que as crianças escolhessem palavras inadequadas para a faixa etária, ou que tivessem algum fundo de “preconceito” ou ainda que desagradassem às famílias.

Palavras listadas, foi preciso decidir por quem e como as definições deveriam ser registradas. Por sugestão dos alunos, nosso livro de registro deveria ser levado para casa, para que cada aluno pudesse refletir no que escreveria. Por sorteio, semanalmente, um ou dois alunos levariam o livro.

Papeis com os nomes em um saquinho, ansiedade nos olhos e nas falas. Todos queriam levar o livro para casa e dar sua contribuição. Todos não, talvez uns dois

ou três alunos não estivessem tão interessados assim com a proposta...

E, assim, durante quase dois meses nosso dicionário foi tomando corpo, nas idas e vindas das casas das crianças do quinto ano.

À professora cabia as correções de ortografia e de concordância. E a cada volta do livro, uma inquietude tomava conta de mim. Era tanta grandeza nas definições, tanta sutileza que achei que as palavras de Naranjo (2013, p. 15) eram minhas:

“(...) muitas pessoas e muitos escritores menosprezam o que as crianças escrevem, porque a seu juízo, nisso não há rigor, nem disciplina, nem um conhecimento da língua medianamente operativo. Os motivos que eles combatem são justamente os que me fazem desfrutar dessas criações infantis e encontrar nelas um alto valor estético. É por seu abandono com as palavras, por sua liberdade de associação, por sua indiferença ao uso justo e normativo da linguagem que as crianças ocasionalmente criam textos plenos de riqueza.”

Não só eu me encantei com o dicionário que elaboramos. As próprias crianças se sentiram pertencente aquela construção (e de fato foram) que começaram a se unir na busca de “escrever novos livros”.

Alguns pais, durante a reunião bimestral, me solicitaram cópia do dicionário, o que deve ser reflexo de que outros adultos também estão dispostos a ler o que as crianças nos apresentam do mundo.

Os alunos aguardam ansiosamente pelo dicionário pronto. Ele está completo no nosso livro de registro e já começou a ser digitalizado. E é nesse processo que o encantamento se dá novamente.

Você sabe o que é o dia, caro leitor? L. de 10 anos sabe e nos afirma que “dia é quando a noite dorme”. Ela também define o que é guerra: “Quando pessoas são convocadas a serem mortas”.

E o que é coragem para você, leitor? Para G., “é um sentimento que nos faz ficar mais forte”.

Através de um pouco mais de 100 palavras, o dicionário dos alunos do quinto ano foi capaz de me ensinar tantas coisas que provavelmente os mais conhecidos dicionários que encontramos no mercado não são capazes.

E por falar nesses dicionários... Não, as crianças ainda não gostam de usar o dicionário e renegam o seu uso. Ainda...

Fora ou dentro?

Maria Lucia Garcia Yada*

Trabalhar fora de casa é uma expressão utilizada na sociedade machista que define a situação da mulher que sai de seu lar para laborar em outro local. Ninguém pergunta a um homem se ele trabalha fora de casa, como se isso já fizesse parte da natureza humana para o sexo masculino.

Abreviado para “trabalhar fora”, esta expressão parece estar contextualizada no cotidiano e compreendida por todas as pessoas. Será mesmo?

Estava na direção de uma Escola de Educação Infantil, quando no início do ano duas crianças, de cinco anos, foram esquecidas pelo transporte escolar, contratado pelas famílias. Verificamos os telefones constantes no prontuário das crianças. Conseguimos contato com uma das famílias, porém a outra estava incomunicável. A professora está com o telefone na mão e segue um diálogo com a criança:

- Sua mãe trabalha fora?
- Não.
- É que ninguém atende o telefone na sua casa.
- Minha mãe está no trabalho.

* Especialização em Psicopedagogia pela FE/São Luis/Jaboticabal/SP; licenciada em Pedagogia pela FE/Dom Bosco/Monte Aprazível/SP. Participa do grupo GEPEC/FE/UNICAMP. Supervisora Educacional na SME/Campinas. E-mail: luciagyada@gmail.com

- Mas você disse que sua mãe não trabalha fora.
- Ela não trabalha fora. Ela trabalha dentro. É dentro da portaria do prédio olhando para fora.

Silêncio...Risos e a professora: poderia dormir sem essa!!!

Conversando... escutando... vivenciando...

Valdemir Miotello*

1. Parece que na Academia e no trabalho pedagógico ainda continuamos com dificuldades de compreender a dimensão concreta do trabalho que fazemos com a *palavra*. “A palavra, como fenômeno ideológico por excelência” (Marxismo, 1986, p. 194). A palavra diz quem eu sou, diz a quem estou respondendo, diz que valores estou recebendo e que valores ponho em circulação, diz a favor de quem estou, contra quem me coloco.

2. A palavra está “em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais” (p.194). Tendo em vista que a palavra participa de todas as atividades humanas, e que estamos sem cessar compreendendo os eventos e acontecimentos pela palavra, não há nenhum momento da vida humana em que a *palavra* não esteja *refletindo ideologicamente a existência humana*, dada no grupo social. A consciência humana se constitui e se alarga continuamente é na palavra, pois nela se dá a reflexão e a refração. “O destino da palavra é a sociedade que fala” (p. 194).

3. Em todos os campos da atividade humana vemos nos tempos contemporâneos uma ausência de

* Professor aposentado na UFSCar, ativo na escuta.

responsividade à palavra. O que vemos é “distribuir a ‘palavra de outrem’ e a ‘palavra que parece ser de outrem’” (p. 195). Bakhtin parece estar sentado em algum lugar qualquer, hoje, e descrevendo o jeito atual de nossa postura frente à existência. Se não falo a minha palavra, falo *bláblábla!!!* Palavra oca, vazia!

4. “Mesmo as ciências humanas desenvolveram uma tendência a substituir afirmações responsáveis acerca de um problema por uma descrição do estado atual das pesquisas na área” (p. 195). Chega a nos engasgar tal reflexão. Distribuímos as palavras dos outros... distribuímos as palavras que parecem ser dos outros... garantindo assim a vitória de formas extremas dos discursos alheios, num processo de “subjetivação profunda” da palavra ideológica. E de uma dominação sem fim. Deixamos nossa *consciência ser possuída pela palavra alheia*, sem que a confrontemos com nossa palavra. Deixamos a originalidade, o ser único, e viramos puramente *cópia*, eco puro. Com essa postura criamos *ficção com o uso da palavra*, uma ficção que domina e permeia todas as relações e atividades humanas hoje. “Em tudo isso manifesta-se a alarmante instabilidade e a incerteza da palavra ideológica” (p. 196). E com isso a gente vive no reino das opiniões, das opiniões notórias, quando se reifica a palavra, vazia, esvaziada, sem encontro de palavras dentro dela, sem valor temático, sem asserção.

5. O que falta? Falta a *afirmação responsável*. Falta a palavra que “é penetrada por uma apreciação social segura e categórica, a palavra que realmente significa e

é responsável por aquilo que diz". Falta dizer a sua palavra, em resposta à palavra do outro. Falta empregar a palavra com seu posicionamento sobre os acontecimentos, e liberar ela para circulação. Uma palavra que *circula*. Uma *palavra livre*. Palavra livre pra circular, livre pra dizer com muitos sentidos e muitas vozes, uma palavra não inscrita na ordem do discurso, e nem no discurso da ordem... Falta uma *palavra outra*, não possuída pela força da dominação e nem controlada. Falta uma palavra alérgica ao poder e à autoridade. Falta uma palavra dissidente, fora de lugar, inesperada, intratável, *infuncional*. É preciso que se diga uma palavra não territorializada, não nacionalizada, não cronometrada, não transformada em mercadoria, não amordaçada pela identidade. É preciso uma palavra que venha pela alteridade, sem alibi, sem impostura, sem fronteira, sem conciliação, sem muros. Não uma palavra pronta, ficcionada, mas uma palavra que vem ao encontro, enunciada, palavra sem prevenção, sem separação, sem distinção, palavra não da diferença, mas uma *palavra não-indiferente*. Palavra que é enunciada por mim, do meu lugar único, de um lugar-fora-de-lugar, e que abraça amorosamente a palavra do outro, a possui, a emprenha.

6. O que nos obriga a dizer nossa palavra? Não é um dever ser. Algo universal e que nos encaixota numa responsabilidade moral igual para todos. O que Bakhtin está cobrando é um ato responsável único, singular, absolutamente pessoalizado, e construído na relação com o outro absolutamente único, singular. É o

que se dá na relação de singular pra singular. Esse é o lugar fora de lugar; é nessa relação que minha palavra tem que ser dita. Porque *apenas eu posso dizer*. Do meu jeito. Com minha vida. Com meus valores. Essa é uma palavra que acrescenta, que *fertiliza*, palavra enunciada na alteridade, na contradição, no embate. Palavra assim é *húmus*, é homem, é terra fértil, é canteiro de sementes.

7. Pra que eu possa dizer minha palavra devo me colocar na escuta. Porque minha palavra é sempre resposta. É *meu ato responsável*. Quando a palavra sai de mim, posta a circular, ela sai com várias vozes, mas é a minha palavra que sai com várias vozes. Não posso abrir mão de ser eu a dizer a palavra nesse contexto. Não tenho nenhum alibi, não tenho esconderijo. Escuto e falo. Escuto e respondo. Escuto e quero falar, preciso falar. Quando escuto, minha palavra é requisitada pelo outro. Esse é o processo que liberta a palavra. É assim que se dá o acontecimento de encontros de palavras, e que depois, quando escrito, vira "*pipoca*". É uma quebra da palavra apenas como palavra do outro; é um desancar a palavra perene, autoritária, duradoura; é um superar a palavra impessoalizada. É um virar do avesso o modo como a palavra circula hoje nos grupos sociais. Ela, *pipocada*, rompe com a palavra dominada, que tem dono, que é monológica, que está cercada, que é apenas comunicada. Pipocada ela brota nas rodas de conversa, sem script, sem um roteiro aprisionador, sem ouvidos tapados que não escutam. A pipoca sempre aparece em uma atividade dialogada. É apenas nessa atividade que ela se dá. Com pessoas conversando. Um diálogo

aberto. Sem que se saiba como vai se dar, qual a próxima palavra esperada, qual a resposta correta.

8. Quando escrevo o que se deu no evento, narro de novo, em forma escrita agora, o vivido. A narrativa é ligeira, curta, dialogada, quase sempre mantendo os turnos alternados de fala, trazendo os interlocutores do evento, mantendo suas palavras pictoricamente, misturadas, enroscadas. Passo do momento oral para o momento escrito. *Mudança de gênero*. Lá as palavras estavam diretamente grudadas com o real, com a vida se dando... Aqui é vida sobre vida... palavra sobre palavra... Nesse caso a pipoca é “pipoca pedagógica” porque se deu nos acontecimentos únicos da sala de aula ou do contexto escolar. Nas relações únicas e singulares de professor e alunos, alunos e professor. E foram produzidas em atitude de aprendizagem, de escuta. O próprio professor estava aprendendo, estava escutando. “Professor é aquele que de repente aprende” (Guimarães Rosa). Atitude de aprender. Atitude de se colocar na escuta ativa. De ir ao encontro da palavra do outro, da palavra outra. Sem a *escuta* não há encontro de palavras. A escuta deriva da natureza da palavra. E a pipoca estourando em outras consciências se torna *pedagógica*, produz novos aprendizados, novas palavras, novos sentidos, novas possibilidades. Quem não sabe misturar aprender com ensinar e ensinar com aprender, num mesmo processo dialógico de comunhão, que se dá junto, não pode ser professor, e nem ser aluno. E uma das competências do

trabalho do professor/alunos, que ensinam/aprendem, é juntos aprenderem a arte da *escutatória*.

9. E quando escrevo uma pipoca, eu assino. É uma palavra minha, dita sobre palavras ditas e vividas antes, em acontecimentos dos quais participei. Eu vivi o acontecimento, fui encharcado de emoções e volições, e agora levo adiante, por escrito, o vivido também por mim, junto aos meus parceiros. Assino porque é meu *ato responsável inalienável*, é minha resposta singular àquele acontecimento. Aqui faço uma asserção responsável. É minha afirmação. Eu firmo. Eu assino embaixo. O contado agora, vivido por muitos, é do meu ponto de vista, é de onde estou, é a partir de meu projeto de dizer. *Só eu vivi* o vivido do meu jeito, mesmo vivendo em relação com outras pessoas. E é do meu lugar que enuncio. É a minha palavra que levo adiante, já habitada por muitos outros anteriormente. O outro a habitar a palavra, a compreender a pipoca é o leitor, que vai compreender do seu lugar, com seu projeto de dizer, com seus valores, com seu ponto de vista, alargando-a, transformando-a. Esse processo de constituição de sentidos é quase ilimitado, num jogo entre contraditórios, entre diferentes não-diferentes, que constituem uma unidade existencial..

10. “O destino da palavra é o da sociedade que fala” (Marxismo, p. 194). Não há um descompasso. Não há um fosso entre o dito e as mudanças e alterações sociais. Se já consigo dizer essa palavra é porque a sociedade também já vive esse sentido, essa possibilidade. “Uma nova significação se descobre na

antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (p. 136). Assim, se já temos esse gênero, é porque a *escola já vive esse processo contraditório* entre o ter apenas boca, e o novo momento que é o de ter *ouvidos e boca*. A narrativa vai da boca ao ouvido e a ela volta. Essa realização garante que a palavra dialógica já está em confronto com a palavra autoritária e monológica, também no ambiente escolar. Há uma luta incessante dos acentos valorativos em cada área semântica da existência humana. O *alargamento do horizonte social* se alterna com o *alargamento da consciência individual* de cada um, nesse jogo social. Somos seres em transformação em uma sociedade que se transforma. Fiquemos ao lado da mudança na luta contra a permanência. O novo nasce desse processo. *Esse encontro é revolucionário.*

Essa conversa
é um abraço amoroso no Guilherme
e nas amigas e amigos do GEPEC.